

# tertúlia

MOVIMENTO

**LED**

LUZ NA EDUCAÇÃO



EDIÇÃO 05 | DEZ | 2022

**PATRÍCIA  
ROSAS**

**Uma história  
para inspirar  
e iluminar a  
educação do país**

*Edição que celebra o encontro  
entre o Desengaveta Meu Texto, o  
MochiLER e o Movimento LED*

Tetúlia

eduepb

# EDITORIAL



Isabelle Pires  
Editora-chefe



Patrícia Rosas  
Editora-chefe

Caro/a leitor/a, chegamos a 5ª edição da **Revista Tertúlia** celebrando nossos encontros Tertúlicos! Esta edição é celebrativa e reúne diversos textos de edições anteriores, ao mesmo tempo em que joga luz a novos estudantes escritores, rompendo as fronteiras do estado da Paraíba.

Além disso, temos grandes novidades! A **Tertúlia Encontro** descortina-se aos olhos dos leitores com uma proposta pluriversal, ampliando suas percepções e experiências leitoras, com versão digital interativa e inclusiva, avanços proporcionados pela parceria visionária do *Parque Tecnológico da Paraíba* e o *Movimento LED - Luz na Educação*, da Fundação Roberto Marinho e Rede Globo de Televisão, projéteis que nos lança ao infinito, um reconhecimento nacional de qualidade de fomento à leitura e à escrita.

Assim, a expoente abrangência que ganha nosso periódico a partir da tecnologia digital, aponta para a proposição de caminhos inovadores e disruptivos no enfrentamento das dificuldades de formação leitora, sendo um bálsamo na ferida da educação brasileira.

Quanto à organização da Revista, continuamos sustentados no tripé: estudantes, professores e convidados. No entanto, ampliamos nosso público, uma vez que oportunizamos a participação de estudantes e professores de escolas privadas (diversas etapas), aproximando dois universos para trocas de experiências.

Continuamos trabalhando sob o guarda-chuva de uma temática central. Esta 5ª edição trata do Encontro das Tertúlias no pluriverso da inovação, ciberespaço onde os textos perdem suas bordas, embaralham-se com outras linguagens, tão heterogêneas quanto às próprias mídias digitais.

Não perca esse encontro tão especial. Sente-se ao redor da leitura e venha tertuliar conosco!

**Editoras-chefes**

## APOIO:



## CONSELHO EDITORIAL

ADAIL SOBRAL | FURG  
AMASILE COELHO L. C. SOUSA | UEPB  
ANA LÚCIA SOUSA NEVES | UEPB  
ANA MARIA MACHADO | ABL  
BRUNO GAUDÊNCIO | ALCG  
CIDOVAL MORAIS DE SOUSA | UEPB  
DENISE LINO DE ARAÚJO | UFCE  
GUILHERME PANHO | UFPE  
ISABELLE DE ARAÚJO PIRES | SEECT-PB  
JAIDETE DIAS DE SOUSA | SEECT-PB  
JAIRO CÉSAR | SEECT  
JOÃO WANDERLEY GERALDI | UNICAMP  
JOSÉ CRISTOVÃO ANDRADE | UEPB  
PROCULT JOSÉ HELDER PINHEIRO | UFCE  
JOSÉ HILTON SILVA DANTAS | SEECT-PB  
JOSEMI CAMILO | ALCG  
JURANI CLEMENTINO | ALCG  
LEONOR WERNECK DOS SANTOS | UFRJ  
LINAÍARA SANTOS HERMÍNIO | SEECT-PB  
LUCIANO NASCIMENTO | UEPB  
LUCIENE MARIA PATRIOTA | UFCE  
MAILSON FURTADO VIANA | CIA C. ARTE  
MANASSÉS MORAIS XAVIER | UFCE  
MARCOS BAGNO | UNB  
MARIA AUGUSTA REINALDO | UFCE  
MARIA VALÉRIA REZENDE | C. FEM. LITÉR.  
MIRTES WALESKA SULPINO | ABES  
MONIQUE ALVES VITORINO | UPE  
PATRÍCIA SILVA ROSAS DE ARAÚJO | IDES  
PATRÍCIO ALBUQUERQUE VIEIRA | IFRN  
PEDRO FARIAS FRANCELINO | UFPB  
RENATA JUNQUEIRA DE SOUZA | UNESP  
SUELEIDE CASTRO FERNANDES | SEECT-PB  
VERA LÚCIA BATALHA | UNITAU

### COORDENAÇÃO EDITORIAL E PEDAGÓGICA

Patrícia Rosas  
Isabelle Pires

### COORDENAÇÃO CLUBE DE LEITURA MOVE LEITOR

INSTITUTO DESENGAVETAR Sarah Rosas

Samara Rosas

### PROJETO GRÁFICO

### DIAGRAMAÇÃO

### CAPA

Tatiana Santos

Patrícia Rosas (auxiliar de diagramação)

Tertúlia é uma publicação periódica do Instituto Desengavetar e do Programa de Formação Leitora Mochiler. Busca ações de incentivo à leitura, produção e circulação do texto do estudante e do professor.

Nosso propósito é

**Desengavetar textos, sonhos e oportunidades.**

Campina Grande, Paraíba, Brasil

@institutodesengavetar

www.mochiler.com.br

editoratertulia@gmail.com

# PREFÁCIO

Falar, ouvir, ler e escrever são habilidades que permitem a socialização por meio da língua. As duas últimas são adquiridas e desenvolvidas no espaço da escola por meio da mediação do professor, cuja função, particularmente no ensino de língua, é a de formar competentes leitores e produtores de textos. Leitura e escrita são como faces de uma mesma moeda. Se as separamos, é apenas por razões didáticas. Afinal escreve-se para ser lido e só se pode ler algo que foi escrito previamente.

A leitura dos textos das *tertúlias* revela que seus autores, ainda meninos e meninas, não são apenas escritores que estão trilhando um caminho certo. Por trás de cada texto lido, percebe-se que esses estudantes são também leitores proficientes, que tiveram contato com a leitura literária, e que conseguiram apropriar-se dos textos lidos para construir seus próprios textos, não só no tocante a temas, mas também relativamente a estilo.

A Revista *Tertúlia* apresenta uma grande variedade de gêneros presentes em diversas esferas discursivas. A leitura dos contos permite ao leitor ouvir a voz de grandes mestres do gênero. Os contos de mistério e de terror ecoam Edgar Allan Poe. Veja-se a propósito o conto *A carta enfeitada*, que dialoga com textos do escritor americano. Quanto às características do gênero, esses meninos e meninas aprenderam muito bem a lição. Narrativas curtas, cujo nível de tensão encaminha-se sempre para um final surpreendente. Relativamente à temática, emergem temas ligados à realidade desses jovens: a violência urbana, jovens que de repente se veem envolvidos no mundo do crime, a filha rejeitada pelos pais. Tudo isso manifestado em diversos subgêneros: conto de terror, de mistério, maravilhoso e, até mesmo, conto que foge ao modelo tradicional, como se nota em *Rotina*, cuja leitura remete ao *Circuito fechado*, de Ricardo Ramos.

Se nos contos há uma representação da realidade exterior, por meio de narrativas objetivas com o foco narrativo em terceira pessoa, nas crônicas o que se manifesta é a subjetividade

dos cronistas por meio de relatos em primeira pessoa ancorados em acontecimentos por eles vividos. Essas crônicas colocam o leitor em contato com temas que inquietam os nossos jovens, como o amor, a paixão, a amizade, a frustração.

São nas cartas que a necessidade de se fazer ouvir se manifesta com mais intensidade. O gênero favorece isso, pois há sempre um interlocutor explícito, seja um amigo, o pai, ou um grupo de pessoas, nos textos designados por "gente". Os temas vão desde relações familiares e de amizades até a alertas sérios sobre problemas enfrentados por esses meninos e meninas como o *bullying*.

A poesia não poderia estar ausente de um livro que cobre a diversidade de produções da esfera do literário. Se os contos, como destaquei, remetem à cultura letrada e aos grandes autores, os poemas da Revista manifestam a cultura popular, não apenas quanto à forma da composição, as sextilhas e o cordel, mas também aos temas dessa cultura, particularmente, à nordestina.

A *Tertúlia* não se restringe à esfera do discurso literário e seus gêneros. Nesta Revista, o leitor encontrará ainda textos que esses jovens escritores mostram que têm um passado que se manifesta em relatos de fatos que lhes foram marcantes por meio de memórias. A Revista traz artigos de opinião e resenhas de livros destinados ao público juvenil.

Hoje é pacífico que a escola deve expor os estudantes à variedade dos gêneros do discurso. A proficiência em leitura e escrita está intimamente relacionada ao domínio que se tem dos gêneros que circulam socialmente. A *Tertúlia* é o ponto para onde as diversas manifestações de textos, literários ou não, convergem. Isso somado à qualidade dos textos fazem desta Revista uma leitura necessária e prazerosa. Tenho, portanto, certeza de que depois de lerem a *Tertúlia*, agradecerão a esses meninos e meninas por esses textos deliciosos.

ERNANI TERRA

# SUMÁRIO



06

CONTOS



28

POEMAS



12

CRÔNICAS



30

MEMÓRIAS



15

SEXTILHAS POÉTICAS



32

ESPECIAL



18

ARTIGO DE OPINIÃO



39

PROFESSORES E CONVIDADOS



20

RESENHAS



63

PROFESSORES

Embora estivesse vivendo em situação de vulnerabilidade social, encontrei na escola um lugar de pouso, de segurança e de futuro. Foi na escola que me encantei pela docência inspirada pela minha primeira professora, Rosa. Eu queria ser como ela e acalantar alunos desmotivados, como ela fazia. Mas como melhorar a vida de um aluno? Eu não sabia como fazer isso. Logo, passei a estudar, fazer pesquisa e lecionar logo cedo...

**PATRÍCIA ROSAS**

**INTERAJA CONOSCO  
QUAL A SUA HISTÓRIA  
DE SUPERAÇÃO?**



*As histórias mais inspiradoras serão publicadas na próxima edição*

A REVISTA  
**tertúlia**  
já impactou mais de

**4** mil estudantes

e já oportunizou mais de

**300**

publicações editoriais gratuitas  
para crianças e jovens de  
escolas públicas.

Nossa missão é  
**FORMAR LEITORES**  
DESENGAVETANDO

**TEXTOS, SONHOS E OPORTUNIDADES**



INSTITUTO DESENGAVETAR



Dê-me livros e moverei o mundo!

# CONTOS



“Curta narrativa fantasiosa, em prosa, com um só conflito e ação e poucos personagens.” (Aurélio)

## A CARTA ENFEITIÇADA

Jaime Henrique Santos

O carteiro Ziro tocou a campainha da casa de seu Clodomiro para lhe entregar uma carta misteriosa. A carta estava suja de sangue e com fios de cabelo. O carteiro desconfiou do conteúdo da carta e resolveu, antes de seu Clodomiro abrir a porta, abrir a carta para saber seu conteúdo. Quando seu Clodomiro abriu a porta viu o carteiro caído no chão com a carta na mão suja de sangue. Agoniado, ele pegou a carta e chutou para longe. Em seguida chamou a ambulância do SAMU para socorrer o carteiro.

No dia seguinte, Ziro teve alta do hospital e seu Clodomiro foi buscá-lo. No caminho, o carteiro contou que havia um feitiço terrível na carta, um “trabalho encomendado” para prejudicar alguém. Ele não queria ler a carta, mas uma voz dizia repetidamente: “abra e leia, abra e leia, abra e leia.”

Seu Clodomiro se assustou, mas ao chegar em casa, por curiosidade, resolveu ler a carta. Nela estava escrito um poema de amor muito estranho: *um dia dissestes sim, outro dia dissestes não, se a mim não desejas mais, três mortes te seguirão. B.J.* Ele não entendeu o poema e levou a carta até a sua amiga que mexe com coisas obscuras, a Trevina.

Trevina leu a carta e disse: - Realmente, existe um feitiço nesta carta e quem encomendou

foi sua ex-mulher. Ela o amaldiçoou por ter sido abandonada. E tem mais, todo aquele que ler a carta morrerá.

Seu Clodomiro saiu de lá aterrorizado e sem saber o que fazer. Já era noite e chovia muito. Saiu no carro em alta velocidade. No caminho, atropelou e matou um pedestre que saía de uma farmácia. Ele saiu do carro para ver quem era. Para sua surpresa, o corpo que estava no chão era do carteiro Ziro. Perturbado, ele sai descontrolado e acaba capotando o carro. Não conseguiu resistir aos ferimentos e morre no local.

A chuva não dava trégua e com sua força trouxe muitos prejuízos. Um vizinho liga desesperado para o Corpo de Bombeiros porque sua vizinha estava soterrada nos escombros de sua casa que acabara de cair. Quando os bombeiros chegaram, não havia mais nada a fazer. Apenas recolher o corpo sem vida. Era Trevina.

E assim seguiu a sina daquela carta enfeitiçada. Todos que lessem iriam morrer. Ainda bem que você não leu.



## O MEDO DO CEMITÉRIO

Jaciely Vitória Gomes de Almeida

Numa sexta-feira qualquer do ano de 2005, às 22h, Daniel voltava do trabalho para a sua casa. Para encurtar o caminho, resolveu passar pela rua do cemitério das Almas Pendentes. Ele morria de medo de passar por lá, mas estava cansado e queria chegar logo em casa.

No início da rua do cemitério, Daniel viu um burro amarrado numa árvore e pensou: - Vou subir nesse burro para passar bem rápido em frente ao cemitério e também vou fechar meus olhos para não ver nada.



E assim ele fez. Montou no burro, fechou os olhos e seguiu em frente. Mas no meio do caminho, bem em frente ao cemitério, o burro empacou. Daniel achou que já tinha passado pelo cemitério e abriu os olhos. Deu de cara com uma alma penada. De tanto medo ele não pensou em outra coisa. Botou o burro nas costas e saiu correndo. Correu tanto, correu tanto que ficou com as pernas bambas. Nunca mais Daniel passou por ali. Nem ele, nem o burro.

## OS LADRÕES E O RETRATO DE PADRE CÍCERO

Jaime Henrique Santos

Espertus e Xutabalde eram dois amigos que viviam da malandragem, mas queriam deixar a vida do crime para trás. O primeiro passo era devolver tudo o que roubaram das pessoas.

Então, fizeram uma lista dos bens roubados: 8 cuecas sujas, 18 anéis de prata, um retrato de padre Cícero, uma boneca descabelada, 3 potes de biscoito, 1 cabide de roupa, 1 ímã de geladeira, 3 vitrolas quebradas, 7 óculos sem perna, 33 dentaduras faltando dentes, 4 penicos usados, 11 pentes sujos e muito mais.

Só tinha um problema, eles não lembravam mais de quem eram aquelas coisas. Então foram numa

loja de achados e perdidos e deixaram tudo lá, afirmando que encontraram os objetos perdidos na rua. Porém, quando eles estavam saindo da loja, uma das vítimas os reconheceram e gritou:

- Ei, foram vocês que roubaram minha cueca suja na noite de São João, não foi?

Espertus e Xutabalde ficaram envergonhados e saíram de lá correndo. Mas estavam com a consciência pesada e queriam se confessar.

No dia seguinte, eles foram procurar o padre da cidade para se confessar. O que eles não lembravam é que tinham roubado o próprio padre. Então, muito bravo o padre falou:

- Cadê o meu retrato de Padre Cícero que vocês roubaram? Eu só perdoo vocês se me devolverem o meu padrinho Padre Cícero.

Como os ladrões não tinham mais o retrato de Padre Cícero, ficaram imensamente envergonhados diante do servo de Deus. O padre ficou muito triste quando soube que não teria mais o retrato de volta. E bastante irritado deu a seguinte penitência aos ladrões:

- A partir deste ano, durante 10 anos, vocês irão, em romaria, visitar a estátua do Padre Cícero no Juazeiro do Norte (CE). Vão fazer orações e ajudar as pessoas. Só assim terão os seus pecados perdoados.

Os ladrões responderam:

- Sim, senhor!

E assim aconteceu.

Todos os anos lá estavam Espertus e Xutabalde na romaria de Padre Cícero. Parecia que eles haviam mudado de vida.



## O NAVIO MAL-ASSOMBRADO

Marcos André Melo do Nascimento

Diz a lenda que existia um navio amaldiçoado ancorado no porto da velha cidade "Fantasmal". O tal navio era assombrado e cheio de armadilhas. Porém, alguns marujos não davam bola para o falatório do povo e corajosamente moravam no navio abandonado.



No entanto, certo dia, muitas coisas estranhas começaram a acontecer.



O marujo que assumia o posto de capitão havia sumido e ninguém dava notícias dele.

Depois de várias buscas, o encontraram.

Ele estava assustado e contou para todos que fantasmas o tinham levado a um lugar tenebroso, lugar muito assustador.

Enquanto ele falava, os canhões do navio começaram a atirar sem que ninguém os dispusesse. Todos se assustaram e começaram a acreditar na lenda do navio mal-assombrado e passaram a dar crédito às palavras do capitão.

Foi a maior correria.

Todos queriam descer do navio. Porém, este zarpou e ficou à deriva em alto mar por dois anos.

Até que foram resgatados. Mas ninguém reconhecia mais aqueles marujos. Eram homens ou fantasmas?

## O CORONEL

**Katielle Cosme (Flibo: Oficina Era Uma Vez)**

Quando eu era criança, gostava de escutar meu vô contar histórias da sua época. Era fascinante ouvir aquelas histórias de suspense, aventuras e intrigas. Dentre as muitas histórias contadas, uma ficou na minha memória. Era a história do coronel.

Este era muito violento e costumava beber. Também costumava agredir sua esposa e seu filho. E isso se repetiu por muitos anos.

Certo dia, o coronel chegou bêbado em casa e seguiu o ritual de espancar sua esposa e filho. Mas sua maldade foi além. O homem amarrou esposa e filho e os jogou no porão da casa.

Na manhã seguinte, depois que se recuperou da ressaca, foi até o porão reparar a maldade que fez. No entanto, não encontrou ninguém. O coronel ficou com medo de ser responsabilizado pelo sumiço da família e não acionou a polícia.

No entanto, todos os dias ele ficava na porta de casa na esperança de reencontrar os dois. A espera foi em vão.

O coronel envelheceu e nunca mais viu sua família. Teve que conviver com o remorso e a incerteza de não saber o que aconteceu. "Será que eles fugiram? Será que eles morreram?" – pensava o coronel.



Até hoje nada se sabe.

## O HOMEM DA BIBLIOTECA

**Victoria Emanuely Rodrigues (Flibo: Oficina Era Uma Vez)**

Quando eu mudei de bairro, a primeira coisa que fiz foi circular pelas ruas para conhecer o lugar. Andei bastante. Conheci os supermercados, os campinhos de futebol, as praças, os monumentos históricos. Mas o que me chamou a atenção mesmo, foi uma biblioteca.

Ela era linda e aconchegante. Tinha uma quantidade impressionante de livros.

Entrei, passei entre as estantes à procura de um livro legal. Puxei um livro, puxei outro e de repente dei de cara com um homem do outro lado da estante me observando.

Ele era estranho. Seu olhar era assustador. Tinha um rosto pálido.

Eu soltei o livro na estante e saí correndo para casa.

No dia seguinte, antes de sair de casa, olhei pela janela para ver como estava o tempo.

E qual foi a minha surpresa? Do outro lado da rua estava aquele homem me olhando fixamente.

Fechei rapidamente a janela e resolvi não sair de casa.

Passados dois dias, fui à biblioteca novamente. Queria saber se aquele homem existia mesmo ou se era fruto da minha imaginação.



Quando entrei na biblioteca, perguntei ao bibliotecário se ali teria

entrado alguém com as características daquele homem misterioso.

O bibliotecário disse que nunca viu aquele homem por ali. E contou também que antigamente no terreno da biblioteca existia um cemitério.

Reza a lenda que os mortos que não terminaram de ler algum livro, devem procurar uma biblioteca para continuar a leitura.

O bibliotecário me perguntou se eu acreditava naquela lenda.

Prontamente respondi:

- Claro que não! Quem já viu um morto ler?!

E saindo de lá apressada, decidi nunca mais deixar uma leitura pendente.

## CHÁ DE FLOR

Yasmim Marques de Andrade

Era uma vez, em um reino distante, o festejar do aniversário de Juliana. Sua mãe fez bolo, salgadinhos e docinhos. Todos os seus amigos receberam convite para ir à festa.

Uma de suas amigas trouxe alguém desconhecido que a presenteou com um sapo. Mais tarde, quando a festa acabou, Juliana lembrou do presente, mas quando tocou na caixa ficou muito doente. E só melhoraria se tomasse o chá de uma flor rara.



Lucas, seu amigo, foi em busca dessa flor. Ele a encontrou, mas estava na posse de uma bruxa má. Negociou com ela e após Juliana tomar o chá, ele iria morar com ela na floresta.

Juliana se recuperou, Lucas foi morar com a bruxa, mas após um período, Juliana conseguiu salvá-lo.





## ROTINA

José Jair da Rocha Moura

Chinelos, vaso, descarga, pia, escova, creme dental, água, cueca, farda, calça, mochila, moto, escola, sala, caderno, caneta, lápis, livro, leitura, atividade, caderno, caneta, lápis, livro, lanche. caderno, caneta, livro, leitura, atividade. Moto, banheiro, água, sabonete, toalha, roupa, almoço, cama, celular. Sofá, televisão, comida, celular, banheiro, escova, creme dental, água, toalha, cama.



## HALLOWEEN

Beatriz Oliveira Freire

Era uma noite escura e tenebrosa. Mas Joana já estava acostumada, pois vivia perambulando pelas ruas desde o dia em que seus pais a abandonaram com oito anos de idade. Eles não aceitaram o fato de Joana ter nascido sem os dedos das mãos e sem as sobrancelhas. Pensavam que a menina estava amaldiçoada e então a abandonaram num beco escuro, frio e sujo da cidade.



Joana nunca se conformou com o abandono. Mas não podia voltar para casa, pois havia se acostumado com a noite, com os assombros e com a tristeza.



O relógio batia meia noite: tic...tac, tic...tac, tic...tac. E Joana encontrou um velho orfanato para se abrigar. Quando morava com seus pais ouvia rumores de que aquele orfanato era mal-assombrado. Mas ela era corajosa e decidiu entrar. Ao tocar na porta, esta se abriu sozinha. Seu coração quase pulou para fora, mas ela continuou, pois começou a chover e ela não tinha outra opção.

Joana deu os primeiros passos dentro do orfanato. As portas rangiam e o chão era escorregadio.

Ouviam-se gritos de terror. Joana se aproximou e seguia o som dos gritos. Estes vinham do porão. Ela abriu a porta bem devagar.

Estava muito escuro, mas deu para ver uma mulher horrorosa, cheia de sangue e com um aspecto de morta.

Nesse momento, as pernas de Joana tremeram e ela saiu correndo. No entanto, a mulher ensanguentada a perseguia. Joana consegue se esconder num armário velho. Parecia que tudo estava tranquilo e aquela mulher horrorosa havia perdido o caminho. No entanto, a mulher escutou o coração da menina bater de medo no armário. Então, se aproximou do armário com uma corda na mão e disse:

- Ah, te peguei, você agora não me escapa!!! Quando a mulher ia enlaçando o pescoço da menina escutou alguém gritar:

- Cooooorta! Por hoje só. As cenas ficaram ótimas. Amanhã continuaremos o nosso ensaio para a peça do Halloween.

Uffa, tudo não passava de uma encenação. Ainda bem!



# CRÔNICAS



*"Histórias reais que expõe os fatos em narração simples e segundo a ordem em que eles vão acontecendo." (Aurélio)*

## PEGANDO UM BIGU

**Antony Kaique S. Silva & Silvano Ribeiro**

Em um dia de domingo, eu e meus amigos Mateus e Júnior, estávamos tomando banho de piscina e decidimos dar uma volta.

Mateus disse:

- Vamos pegar um bigu?
- "Bora" - respondeu Júnior.

Pegamos um "bigu" numa picape, mas o motorista começou a acelerar e, esse movimento brusco, me deixou com muito medo, tanto que acabei pulando do carro. Ao cair, me machuquei, senti falta de ar e quase não consegui chegar em casa.

Ao me ver, minha mãe ficou muito assustada e gritou:

- O que foi que aconteceu, menino?

Eu disse que havia caído de um carro, pegando "bigu".

Ela logo chamou a ambulância e eu fui levado para o Hospital de Trauma.

Fiquei na ala vermelha, onde ficam pacientes com tombos e machucados.

Examinaram-me para ver se eu havia quebrado algum osso, mas a única coisa que quebrei foram dois dentes.

Depois de ser atendido, retornei para casa, tomei um banho e fui dormir.

Apesar de ser aventureiro, emocionante e radical, a dor de perder dois dentes, a preocupação da minha mãe e a internação no hospital me fizeram pensar muito.

Assim, melhor do que pegar um "bigu" é andar de bicicleta com meus amigos e jogar bola na rua.

## BANHO DE CHUVA

**Maria Eduarda Melo Silva**

Quem disse que na chuva não podemos nos divertir?

É um dia chato?

Que nada!

Um dia desses, eu e minha família fomos à praia.

Chegando lá, nos divertimos muito, mas no último dia começou uma grande chuva.

Ficamos lamentando por não poder aproveitar o dia, até que eu decidi que aquela chuva não iria interromper a nossa brincadeira, mas deixá-la mais divertida.

Se a natureza estava nos oferecendo uma chuva, por que recusá-la?

É preciso saber se divertir em situações adversas.

Naquele dia de chuva, brinquei muito com a minha família.

A natureza, a cada dia, nos proporciona algo novo e a gente precisa abrir os olhos para ver maravilhas naturais e esquecer um pouco do "mundo tecnológico".

Este, às vezes, é muito limitado.



## A RUA SILVA JARDIM

**Joana Darc Rodrigues da Silva**

O lugar onde eu moro, não é bem uma rua, mas um beco.

Faz muito tempo que moro lá e eu gosto muito.

Existem algumas vantagens em morar num beco. Você conhece todo mundo e todos acabam sendo seus vizinhos.

Na hora do aperto, todo mundo se ajuda. No entanto, morar num beco, também é um desafio, pois sofremos muito preconceito.

Muitos nos julgam como pessoas perigosas.

O preconceito nos rotula e nos leva a ficar à margem da sociedade.

Eu espero que todos que moram na Rua Silva Jardim tenham orgulho de morar lá, assim como eu tenho.

O lugar onde a gente mora não define quem somos.

Somos gente.

E isso está acima de qualquer coisa, de qualquer preconceito.

## GESTOS DE EMPATIA

**Gizelly de Assis Sousa Nogueira**

Certa manhã, ao caminhar pela praça da minha cidade, avistei um casal e, ao longe, um homem praguejando: “que horror”, “essas aí vão para o inferno”, “que nojo”. Até que não conformado com a cena vista, se aproximou querendo separá-las, chegando a usar de violência física contra uma delas.

Eu estava indignada com aquela situação e não pude ficar parada. Chamei um policial que estava na guarita mais próxima e este afastou o agressor de perto das mulheres. Elas, prontamente me agradeceram pelo gesto de empatia e solidariedade.

Essa ação, infelizmente, não foi isolada. São cenas que se repetem país afora. Qual o seu gesto de empatia?

# FÁBULA



*“São composições literárias curtas, escritas em prosa ou versos em que os personagens são animais que apresentam características humanas (como falar), muito presente na literatura infantil.” (Wikipedia)*



## O leão e o tigre

**Emily Isabella Vieira de Oliveira**

Um dia o leão estava passeando pela selva e ouviu um rugido de tristeza. Após seguir o som, viu que o tigre estava machucado, chorando. Então, decidiu ajudá-lo. Pegou o tigre e o levou para casa, deu comida e o pôs para dormir numa cama quentinha.

O tigre fingiu dormir e observou tudo o que o leão tinha para viver e decidiu roubá-lo. O leão, que havia dormido, acordou surpreso ao ver que foi roubado. Sentou-se no gramado de sua casa e pôs-se a chorar. O leão, inconformado, questionava-se o porquê do tigre fazer tal covardia, mesmo tendo sido acolhido por ele.

Na mesma sequência de questionamentos, o tigre fazia o mesmo e perguntava-se por que havia sido tão covarde. Então, decidiu retornar à casa do leão e devolver tudo o que havia roubado.

Ao chegar, observou o leão abatido e pediu-lhe desculpas. Os dois chorando, se abraçaram e o leão desculpou o tigre. E assim, permaneceram amigos.

Moral da história: Faça o bem sem olhar a quem.



# SEXTILHAS POÉTICAS



## O Pastor e o beerrão

(Jonas e Estevam)

O Pastor estava pregando  
Para converter uma multidão,  
Mas um bêbado perturbava  
Tocando seu violão.  
E o pastor de lá falou:  
Se converta, meu irmão!

## O pobre e o rico

(Victor Rafael)

As pessoas ricas  
Adoram uma amostração  
Vivem comprando joias  
Mas o pobre ajuda não  
O pobre que cuide de si  
Por que o rico não abre a mão



## A vizinha fofqueira

(Ellen Gabriela)

Estava deitada na rede  
quando minha vizinha passou.  
Ela é muito fofqueira,  
Fala de mim pro pastor.  
Mas eu não tô nem aí,  
Quem me julga é o Senhor.

## Aula Musical

(Jaciely Vitória e Islaine)

Numa tarde de domingo,  
Numa aula musical  
Paulinho cantava ruim,  
Mas ninguém fala mal.  
Ele gostava da própria voz  
Pois achava sensacional.



## TEMPORADA DE NINHOS

(Isabelle Pires)

Chegada a primavera,  
a passarada está construindo ninho!

Qual árvore atrai mais passarinho?  
Goiabeira, ipê e palmeira-jerivá.

Qual o pássaro que faz o ninho pendurado ficar?  
O tecelão, um passarinho que tem para engenheiro vocação.

Quais pássaros fazem ninho escavados?  
O pica-pau e a coruja-buraqueira têm costume peculiar,  
preferem nos troncos das árvores escavar.

E o João de barro como faz seu ninho?  
Ele tece, tece, tece e barro vira forninho.

Onde o pardal faz o seu ninho?  
Na brechinha do meu telhado quebrado!

Qual pássaro faz ninho em forma de saco?  
O pássaro guaxe, conhecido como japim.

E o beija-flor, também faz ninhos assim?  
Veja que bonitinho, ele é miniarquiteto,  
colore as bordas do seu teto!

A rolinha também tem ninho?  
São tigelinhas de passarinho!  
De ramos e gravetos  
faz o seu cantinho!

Existe ninho de urubu?  
Um ninho que fica no chão,  
entre as rochas ou espinhosa vegetação.

Vejam, que curioso, pássaros tecendo ninho!  
são tão variados,  
colados, costurados, tecidos, esculpidos e escavados.

Quem tem planta, fique atento a vaso revirado  
Um passarinho sabido e brincalhão,  
ali pode tecer seu traço, fazer sua invenção!

---

## Meiguice

(Adelina Lopes Vieira)

Deram à linda Clarisse  
uma gatinha mimosa,  
tão branca, tão carinhosa,  
tão engraçada, tão mansa

que a encantadora criança  
por nome lhe pôs — Meiguice.

Tinha bom leite ao almoço  
e biscoitos e bolinhos;  
dormia em sedas e armarinhos,  
e ronronava fagueira  
quando sentia a coleira  
e fita azul, no pescoço.

Clarisse amava deveras  
a bichinha cor de neve  
e a gata, nervosa e leve,  
adorava a pequenita;  
e tinham graça infinita,  
estas amigas sinceras!

Veio Raul, o mais louro  
e traquinas dos rapazes,  
forte e audaz entre os audazes,  
fanfarrão e desordeiro;  
correu a casa ligeiro  
indo encontrar o tesouro,

a doce e branca Meiguice,  
deitada comodamente  
na cama fofinha e quente  
da prima, e gritou: — Que vejo?  
um bicho tão malfazejo,  
sobre o leito de Clarisse!

E... zás, suspendeu a gata  
pela coleira de fita,  
atirou a pobrezita,  
ao jardim e, satisfeito,  
à priminha o heróico feito  
foi contar como bravata.

Debatia-se Meiguice,  
no lago, fria, transida,  
a morrer.  
O gaticida  
sentiu remorso pungente  
ao ver o pranto tremente  
no olhar azul de Clarisse.

E... correndo, denodado,  
deitou-se ao lago profundo,  
(dois palmos d'água); do fundo  
tirou Meiguice, e ofegante  
disse em tom dilacerante:  
— Salvei-a!  
— Estou perdoado?

## UNIVERSO DA BICHARADA

(Isabelle Pires)

O universo da bicharada é realmente fenomenal.  
Você sabia que as baratas têm fôlego escomunal?

Que na cabeça do camarão, fica seu coração?  
E que o bicho preguiça leva um mês pra fazer a digestão?

Vejam que curioso, é tanta informação!  
Ovelhas têm quatro estômagos, que gulosas elas são!

A baleia-azul canta tão alto, sua "voz" se ouve horrores!  
Qual o bicho de muitas cores? É bicho camaleão!

Como é interessante o universo da bicharada,  
você sabia que as tartarugas são muito antigas na praça?  
E Que o leão não é uma fera, pois é a leoa que caça?

Por essa a gente não esperava,  
xixi de gato brilha no escuro!  
Patos podem surfar,  
As listras das zebras repelem insetos,  
Golfinhos conseguem se comunicar!

O Polvo então, que bicho mais esquisito!  
Tem três corações e nove cérebros,  
São gênios dos oceanos!  
Já jacarés crescem demais, esticam por 30 anos.

Sabia que os ratos sentem cócegas?  
Cabras e o bodes têm sotaques diferentes?  
Que a mordida do urso cinzento, destrói até bola de boliche?  
Vixe, vixe, vixe, quanta coisa eu aprendi!

O universo da bicharada, em rima e verso ouvi!  
Vida de bicho é boa e não fica por aqui!  
sempre com algo surpreendente pra um dia descobrir!

## MochiLER

(Kamilla Simonelly)

O Pograma Mochiler,  
desenvolve além do hábito de ler,  
nasceu para ensinar  
que é preciso viajar!

Para poder ressignificar  
o hábito de ler e argumentar,  
venham professores, venham sem  
demora! Vamos além dos muros da  
escola!

Fazer o diferente, agora!  
Do ensino médio à pré-escola!  
Fervilhar, multiplicar o ato de pensar, ler  
e imaginar  
textos que nos oportunizem  
viajar!

# ARTIGO DE OPINIÃO



## WI-FI: O NOVO MEMBRO DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

Produção coletiva

Hoje vivemos mergulhados no “mundo virtual”.

Compramos, vendemos, negociamos, pagamos contas, namoramos, pedimos Uber e quase tudo é feito pela internet.

A internet é uma invenção maravilhosa, no entanto tem causado problemas. E um dos principais deles está no relacionamento familiar.

A família tradicional, por exemplo, não conhecia o *wi-fi*, nem por isso era menos feliz. As crianças se divertiam até tarde na rua; brincavam de amarelinha, esconde-esconde, polícia e ladrão, cuscuz, barra bandeira, castanha, doninhos da rua etc. Os pais sentavam na calçada para conversar com os vizinhos e olhar as crianças brincarem.

Contudo, hoje, esses costumes estão se perdendo. As crianças, desde bebês, brincam com celulares e *tablets*. Os jovens estão se isolando dentro de seus quartos para jogar, escutar música, assistir vídeos, dentre outras atividades. Os pais, muitas vezes, têm permitido esse comportamento dos filhos porque eles também são vítimas do uso excessivo das novas tecnologias.

Não defendemos o abandono das novas tecnologias. Pelo contrário. Defendemos o uso consciente destas.

É preciso saber lidar com o mundo virtual sem perder de vista os reais valores do ser humano: família, amigos e a convivência saudável com o próximo.

## FUTEBOL TAMBÉM É COISA DE MENINA!

Maria Luísa da Silva

Gosto muito de jogar futebol.

Quando eu crescer, quero ser igual à Marta, a melhor jogadora de futebol feminino.

Jogar futebol não é só correr atrás da bola. Para mim, futebol é paixão.

Por isso, não se pode jogar apenas com os pés, é preciso jogar com o coração, com vontade e, acima de tudo, jogar com a verdade da alma.

Muitas pessoas ainda acham que futebol é coisa só de menino.

As meninas que jogam ainda sofrem preconceito e *bullying*, principalmente na escola. Mas não me importo com as críticas.

Eu sei do que sou capaz e vou continuar de cabeça erguida. Não me importo com opiniões inúteis, que não acrescentam nada à minha vida.

---

## A ENGRENAGEM DA VIDA

**Aline Nafitally Santos Bezerra**

Foi despedido do trabalho? Terminou uma relação? Deixou a casa dos pais? A amizade que parecia sólida desapareceu sem explicações? Tudo bem.

É preciso saber quando uma etapa da nossa vida chega ao fim.

Se insistirmos em permanecer numa determinada etapa mais do que o necessário, perdemos a alegria e o sentido das outras etapas que ainda estão à nossa frente.

É preciso saber fechar ciclos, portas, capítulos.

Eu sei. Não é simples. Mas é salutar. E também urgente.

A gente precisa prosseguir. Seja com o "sim" ou com o "não" que a vida nos dá.

Talvez lá na frente a gente entenda a engrenagem da vida.

Por ora, só enxergamos o que nos convém.

---

## A TAL DA FAKE NEWS

**Ana Claudia dos Santos Gomes**

A notícia falsa, a tal da "fake news", vem causando prejuízo à imagem das pessoas, principalmente entre os jovens que não sabem lidar

com a quantidade de informação que circula nas redes sociais.

Uma pessoa ouve uma informação, não verifica se essa informação é verdadeira e logo sai espalhando, sem pensar nas consequências que tal informação pode trazer para outras pessoas.

As fakes news não se consertam facilmente e os prejudicados talvez nunca se recuperem.

Por isso, é importante não espalhar nenhuma informação que prejudique a imagem de outra pessoa.

---

## O ESQUECIMENTO DA MEMÓRIA

**Sarah Rosas Silva**

Será que conseguimos viver sem lembranças?

Outro dia me peguei pensando nessa questão. Imagina viver dia após dia sem lembrar das coisas e das pessoas que estão ao seu redor. Olhar para as pessoas e achá-las estranhas. Ou pior, você se sentir estranho a tudo e a todos.

Sabe, o *Alzheimer*, aquela doença progressiva que destrói a memória e outras funções mentais importantes? Para mim, é a doença mais terrível que existe. Ela nos machuca ferindo o que temos de mais importante: nossas recordações. Ela rompe com o nosso passado criando um abismo entre o ontem e o hoje.

Quem somos nós sem as nossas recordações? Como olhar para frente sem o apoio do passado?

Nossa vida é baseada em recordações, não há futuro se não há um passado a ser lembrado.

Eu sei que "certas" memórias queremos esquecer, queremos deixá-las guardadas num baú fechado sem chave. Entretanto, as lembranças ruins também fazem parte da nossa história. Somos feitos de alegrias e tristezas, paixões e decepções, presenças e ausências.

Nenhum sentimento anula o outro. Tudo molda nosso "eu". Tudo é válido. Cada memória nos constitui.

É como se fosse o DNA da nossa história.

# RESENHAS



“Um tipo de texto, breve, usado para descrever e analisar uma produção ou acontecimento.”

(Wikipédia)

## A SELEÇÃO

Yasmim Almeida

O livro *A Seleção*, da autora Kiera Cass, é um romance juvenil. O primeiro livro de uma trilogia. A obra conta a história de America Singer, uma menina que é sorteada para participar de uma seleção, cujo objetivo é encontrar uma esposa para o príncipe e, conseqüentemente, a futura rainha de Iléa (país localizado onde hoje conhecemos como Estados Unidos, numa época depois da *Terceira Guerra Mundial*). Essa seleção é composta por 35 garotas, uma de cada província do país.

Para conhecerem melhor o príncipe, as meninas vão morar no palácio até que ele escolha uma delas para casar. Todas estão eufóricas por poderem conhecer o príncipe, mas para America, isso tudo de seleção não passa de uma perda de tempo, já que ela nem queria estar ali.

Antes de ser escolhida para participar, America tinha um relacionamento amoroso escondido com Aspen, o filho de uma amiga da família dela. Quando surgiu a notícia que haveria uma seleção, a mãe de America foi a primeira a incentivá-la a se inscrever para tentar ter um futuro melhor, já que o país era dividido em castas e a família de America era da casta cinco, mas o que ela não sabia era que America estaria disposta a perder essa oportunidade de melhorar de vida para se casar com Aspen, de casta inferior a sua.

Ao saber da seleção, Aspen pediu a America que ela se inscrevesse, porque por mais que ele a amasse, ele não permitiria que ela perdesse essa oportunidade de ter uma qualidade de vida que talvez ele nunca pudesse dar a ela. Após muitas discussões com a mãe e com o incentivo de Aspen, America resolve se inscrever e é selecionada.

Chegando ao palácio, diferente de todas as outras meninas, America não faz a menor questão de agradar o príncipe, pelo contrário, ela só quer aproveitar a estadia enquanto ele não a dispensa. Mas o plano dela começa a dar errado quando na primeira noite, ela passa mal e resolve sair para tomar um ar no jardim, mas é impedida pelos guardas do castelo, pois só poderia sair com autorização do príncipe. É nesse momento que Maxon Schreave, o príncipe herdeiro, aparece no local e permite que America saia para o jardim, e vai até lá para acompanhá-la.



Após aquela noite no jardim em que America é sincera com Maxon e confessa que não queria estar ali, eles se tornam amigos e ela acaba sendo um porto seguro para Maxon, que pode dividir seus pensamentos e sentimentos com ela. Passado algum tempo depois, algumas meninas já haviam sido dispensadas e Maxon e America estavam cada vez mais próximos. Foi então que ele confessou seus sentimentos por America, que também tinha sentimentos por ele, e, assim, começaram a se cortejar.

A seleção, o primeiro livro da trilogia é caracterizado por esse desenvolvimento do romance dos personagens principais e traz à tona questões muito importantes vividas nos dias atuais, como é o caso das castas que no contexto atual, seria a desigualdade social. O segundo e terceiro livro da trilogia, respectivamente, *A Elite* e *A Escolha*, dão continuidade a essa história dos personagens e englobam novas perspectivas sobre personagens secundários, revelam mistérios sobre o reino, relembram amores antigos e nos envolvem a torcer para que romances proibidos deem certo.

Além da trilogia principal, *O Universo de A Seleção* é composto também por uma antologia de contos e por um spin-off dividido em duas partes, chamados *A Herdeira* e *A Coroa*, que contam a história da filha de America. Você não pode perder a leitura desse livro.

## A PRINCESA PROMETIDA

Sarah Rosas Silva

Gostas de aventura? Lhe encanta histórias com grandes doses de romance e humor? Então a "A Princesa Prometida" escrita por William Goldman é um livro perfeito para você. Buttercup é uma moça com uma beleza extraordinária e grande ingenuidade, que se apaixona pelo empregado de seu pai, Westley, um rapaz camponês tal como a Buttercup.

Em primeiro momento, Westley parece indiferente às confissões de amor da garota, todavia, sua frieza não dura por muito tempo e ele declara que sempre a amou. Contudo, o destino tinha outros planos para esse casal. O cônjuge precisa se separar por um período, pois Westley teria que partir para Inglaterra para receber a herança que havia sido deixada por um parente distante.

Não muito tempo após isso, Buttercup recebe a notícia de que seu amado havia morrido no meio do mar, durante a viagem. Desconsolada, a moça promete a si mesma que nunca mais amaria alguém e se compromete com o príncipe daquele reino. Após 5 anos de luto e prestes a se casar, Buttercup descobre que o seu amado Westley na verdade está vivo, todavia, para que esse casal tenha o seu felizes para sempre, terão que enfrentar grandes desafios.



## AS AVENTURAS DE ROBINSON CRUSÓÉ

Samara Rosas

Robinson Crusóé é um ordinário jovem inglês do século XVI e de classe média. Durante a sua juventude, ele é tomado por um repentino impulso de aventurar-se como marinheiro pelo mundo. O seu pai, homem muito cauteloso, admoesta-o acerca daquela profissão, que segundo ele, era desprovida do real temor a Deus e dada às peripécias do destino. Além disso, não havia necessidade de Crusóé tomar aquele destino, visto o conforto que tinha.

Porém, Robinson C. não se dá por satisfeito e ignora a profecia de seu pai que dizia que se ele seguisse esse caminho, chegaria um ponto em que ele se encontraria isolado e desprovido de qualquer ajuda humana, tendo muito tempo para refletir sobre sua atitude. Crusóé ao ignorar todos os conselhos, mergulha no mundo marítimo, naufraga na primeira vez, mas sobrevive, é vendido como escravo posteriormente, e já liberto chega ao Brasil, tornando-se dono de engenho.

Todavia, não dado por satisfeito novamente, entra em um negócio para conseguir escravos africanos, o que não dá certo, pois o seu navio naufraga e todos morrem. Então, ele vai parar em uma ilha deserta, desprovida de qualquer ser humano. Felizmente, o navio parou bem próximo à costa, o que lhe permite tirar muitas provisões necessárias para sua subsistência.

A real mudança de caráter de Crusóé acontece quando ele se vê terrivelmente doente e não tendo ninguém a quem recorrer, ele suplica a misericórdia do Criador. A partir daí, ele passa a ser mais grato e resiliente em relação a sua situação. E assim, acompanhamos a jornada do personagem na ilha até ser resgatado vinte anos depois de sua chegada.

É um livro que me fez meditar bastante sobre vários aspectos: acerca da obediência aos pais, pois tudo isso poderia ter sido evitado se ele tivesse dado ouvidos ao seu pai e sua mãe; acerca da providência divina, ainda que ele tenha sido levado à ilha por conta de sua obs-

tinação, Deus não o desamparou e conservou sua vida; e acerca do livramento, pois através da vida de Crusóé outras pessoas são salvas da morte. Recomendo muitíssimo! É um livro essencial para todas as gerações!

## HARRY POTTER

Pedro Lucas

A saga "Harry Potter", escrita pela autora britânica J.K. Rowling, é um fenômeno mundial, tendo mais de 500 milhões de cópias vendidas e traduzido para mais de 73 línguas, a saga se destaca no meio de muitas. No começo, o filme era destinado a crianças, porém, hoje podemos dizer que não existe faixa-etária para esse universo mágico, pois a mesma se faz presente na infância até a velhice.

Esta coletânea de livros e filmes, retrata a história de um menino que quando tinha apenas um ano presenciou a morte dos pais por um terrível bruxo das trevas, por nome de Tom Riddle, também conhecido como Voldemort. Após o acontecimento, Harry passa a viver na casa de seus tios, os Dursleys, onde vive uma vida totalmente infeliz e triste.

Contudo, o menino não imagina que seu destino iria mudar aos seus 11 anos de idade, quando o mesmo descobre que é um bruxo, por meio de uma carta que recebe de Hogwarts, uma escola de magia e bruxaria localizado na Escócia.



Os primeiros três livros da saga, descreve como foi o início escolar de Harry em Hogwarts, como ele conheceu seus melhores amigos, Hermione Granger e Ronald Weasley e também explica como aconteceu a ascensão e a “queda” de Tom Riddle. Estes livros são uma espécie de introdução ao leitor, com o intuito que compreenda o contexto da história e permita adentrar nesta obra literária fantástica.

A partir do quarto livro, nós temos o retorno do Lorde das trevas, agora com um corpo totalmente desfigurado, devido a um feitiço maligno feito por ele ainda jovem. A partir deste livro até o sexto, Voldemort e seus comensais tentam acabar com Harry a todo custo, tentando até mesmo se infiltrar no meio do ministério da magia.

No último livro, *Harry Potter e as relíquias da morte*, Voldemort e seus seguidores já tem tomado todo o mundo bruxo, a escola, o ministério, e todos agora que souberem onde Harry Potter está e ficarem calados, serão devidamente punidos. Até que finalmente acontece a grande batalha, que ficou conhecida como a “batalha de Hogwarts”, onde aconteceu o tão esperado duelo final entre Harry e o Lorde das Trevas.

Mesmo após anos a saga é um sucesso, rendendo vários Spin-off e gerando outras sagas como *Animais Fantásticos*, que retrata eventos de 54 anos atrás de Harry Potter. Essa franquia já está no seu terceiro filme de cinco planejados.

Harry Potter é uma história que marcou e cativou muitas pessoas e continuará chamando e movimentando ainda mais pessoas para este universo brilhante. Vale a pena a leitura.



## LUNETA MÁGICA

Gabriel Leite

Essa obra foi escrita por Joaquim Manoel Macedo, criador da tão famosa obra “Moreninha”, sendo um dos primeiros romances do Brasil que contêm fantasia. Diferente dos romances convencionais, esse foca mais nas lições de moral, com críticas, humor.

De início somos apresentados aos personagens da trama: Simplício, o jovem com problemas de miopia gravíssima e ingênuo, adotado pela nova família vivendo por lá; irmão Américo, o irmão mais velho, aquele que administra sua herança; prima Anica, a jovem meiga e a tia Domingas, a senhora religiosa, eles são os membros da família de Simplício.

Prosseguindo na história, Simplício vai ao tribunal para debater sobre sua herança e lá acaba conhecendo o Sr. Nunes, vendo a situação de Simplício resolve levá-lo até um homem chamado Reis, aquele que mexe com lentes de todos os tipos. Após chegarem ao local, fracassam pois não acham uma lente que possa curá-lo. Sem opções eles resolvem deixar esse problema nas mãos de Armênio, o mago.

Chegando até armênio, explicando a situação, o mago decide dar uma solução. Para isso, teria que comparecer ao local em uma outra hora. Ouvindo isso, Simplício e Sr. Nunes fazem o que lhes fora ordenado. Após isso, eles voltaram novamente ao local e o mago Armênio se encontrava construindo uma luneta mágica. Depois de uma série de rituais, ele finaliza a luneta, mas com al-

Na televisão a gente quase não encontra mais desenhos. Tem muitos programas para as donas de casa, muito jornal. Os desenhos são poucos.



gumas regras de uso do objeto, como não passar usando-a por mais de 3 minutos, sob pena de visualizar a “visão do mal” e, caso olhasse por 13 minutos, a luneta iria ver o futuro e se quebrar automaticamente.

Mesmo após ouvir as regras, Simplício pela sua curiosidade acaba usando a luneta por mais de 3 minutos, o que leva-o a ter uma visão horrível do mundo, até da sua própria família. Desconfiado de tudo e todos, ele se torna pessimista e deprimido por não ver mais esperança em nada. Chega em um determinado momento em que decide usar a luneta contra o espelho. Pela sua curiosidade, após se enxergar, percebe que ele é o pior dos piores de acordo com sua visão, vendo todo o seu horror, ele quebra a luneta.

Após o ocorrido, Simplício fica desconfiado de todos, mas pela sua necessidade de enxergar, ele visita novamente Armênio em busca de uma nova luneta. Armênio faz uma outra luneta com as mesmas regras, mas com um diferencial, é a luneta da visão do bem, se o usuário usar por mais de 3 minutos, enxergará bondade e beleza em tudo.

Depois de obter a luneta, mais uma vez Simplício é tomado pela curiosidade e quebra as regras, visualizando toda beleza do mundo. Inicialmente estava tudo bem, mas o exagero o fez perder o controle, se apaixonando por todas as mulheres que passavam por ele, se tornando mais ingênuo que já era. Certa vez, ele passa em frente a uma funerária e observa o cadáver, observando, Simplício acha belo a própria morte o fazendo querer provar o sabor de morrer.

Antes de ocorrer uma tragédia, Armênio salva sua vida, dando sermões e recompondo o controle de Simplício. Depois do ocorrido, Armênio dá a sua última luneta, a luneta do “juízo”, com ela Simplício verá o mundo de forma equilibrada, tanto o bem, quanto o mal.

Essa obra é muito bem escrita, de fácil compreensão e que traz algumas reflexões sobre o exagero e a nossa visão de mundo, ela consegue mexer com a mente do leitor o fazendo ler a mesma trama com formas diferentes de mundo. Dito isso, é uma boa leitura, recomendável para os “leitores de fantasia”.

## O MORRO DOS VENTOS UIVANTES

Maria Eduarda Barbosa Diniz

O *Morro dos Ventos Uivantes*, primeiro e único romance escrito por Emily Brontë, uma poetisa inglesa nascida em 1818 fez tanto sucesso que acabou entrando para os clássicos ingleses. A obra tem esse nome que remete à casa onde se passa maior parte da história de mesmo nome, intitulada assim por conta dos ventos tão fortes nas colinas que emitem sons como de uivos.

A história começa quando Nelly Dean resolve contar ao novo morador das propriedades onde ela trabalha a história de Heathcliff e Catherine, duas crianças que se tornaram “irmãos adotivos” quando o pai dela volta de viagem com Heathcliff, que havia sofrido bastante de onde veio. Seu irmão biológico não o aceitava, pois o adotivo recebia mais amor e atenção de seu pai do que ele. Por conta disso, Heathcliff passou a se tornar uma criança cada vez mais perversa, a fim de provocá-lo.

Heathcliff só se dava bem com Cathy. Ambos cresceram juntos, mas acabaram se apaixonando. Entretanto não podiam demonstrar seus sentimentos, principalmente após a morte do seu pai, quando seu irmão passou a ter domínio da casa. Catherine começa a ter um interesse amoroso por seu vizinho Edgar Linton, após um incidente causado em que ela e Heathcliff, ao “invadirem” as terras vizinhas, torcem o pé e recebem toda a atenção dos vizinhos.

Ao longo de minha leitura, fui percebendo que Heathcliff, um dos personagens principais, era muito ciumento e bastante problemático. Após um tempo recebendo as visitas de Linton, Cathy comenta com Nelly que se casaria com ele. Conta também sobre amar Heathcliff, mas que o amor deles era impossível. Heathcliff como sempre imprudente, foge ao ouvir isso e só volta alguns anos depois, quando ela já está casada e faz de tudo para provocar o marido dela a qualquer custo.

Confesso que quando li, esperava um romance clichê, que começava em ódio e terminava em amor. Mas, percebi que tudo o que eu imaginava era totalmente diferente da realidade de uma forma boa, pois eu sempre me surpreendia

com as ações dos protagonistas que não eram nada convencionais e bem problemáticas eu diria. Você começa a leitura querendo que o casal fique junto, mas do meio para o final, você já não acha uma boa ideia e começa a desejar distância entre eles, pois o protagonista é bem diferente dos “mocinhos” apaixonados que estamos acostumados a ver em clássicos ingleses.

Isso me agradou bastante, e, particularmente, o indico tanto para quem gosta de romance e quer sair da rotina dos “clichês”, quanto pra quem não gosta, é uma experiência incrível, apesar de que a maioria dos personagens são muito irritantes, quase impossíveis de criar uma empatia por eles. Apesar de tudo, consigo dizer sem dúvidas, que esta obra marcou minha vida como leitora e superou minhas expectativas.

---

## TORTO ARADO

Larissa Marcelino Tavares

A obra é um romance de brasileiro de 2019, escrito por Itamar Vieira Junior, nas profundezas do sertão baiano. As irmãs “Bibiana” e “Belonísia”, descendentes de escravizados, vivem em uma fazenda na Chapada Diamantina, Bahia, onde nasceram e vivem com sua família.

Um acidente acontece envolvendo uma misteriosa faca (cabo marfim), a qual encontrava-se escondida e enrolada em um pano dentro de uma velha mala, guardada sob a cama da avó delas. As meninas, crianças curiosas, colocam a faca na boca e uma delas perde a língua, sendo essa tragédia, descoberta desvelada aos poucos ao leitor. A história de Belonísia vem primeiro, como perdeu a língua numa brincadeira de crianças curiosa demonstra um símbolo da falta de voz daquele povo. Já a trama de Bibiana não é complementar e traz outra visão de mundo.

Bibiana e Belonísia vocalizam as histórias dos demais personagens da trama, como Zeca Chapéu Grande, as filhas de Salustiana, netas de Donana, Maria Cabocla e Severo fazem parte de uma família que assim como outras, trabalham na fazenda “Água Negras”, que nos conduzem ao Brasil profundo.

Os proprietários da fazenda apresentam esse mundo de contradições e injustiças pelos seus olhares infantis, passando pelos da juventude, abreviadas pela maternidade e casamentos, chegando às visões da vida adulta. Uma fala que me chamou a atenção: “Todas nós, mulheres do campo, éramos maltratadas pelo sol e pela seca, o trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo”.

Zeca Chapéu Grande, pai das filhas, líder místico, é exemplo maior desse paradoxo, conduz os rituais do Jarê e dos encantados da referência de trabalho para as demais famílias de agricultores e as práticas de curandeira aprendidas com Mãe Donana.

Existe uma cena em que Bibiana, filha mais velha, se revolta com a humilhação sofrida pelo seu pai na frente à mulher e demais filhos com relação à posse de terras. Começaram a organizar os demais trabalhadores de *Água Negra* para a reivindicação dos status de território quilombola para aquelas terras, pois havia décadas que trabalhavam ali aquelas famílias, mas não tinham a sua posse.

O livro retrata bem as relações de servidão, que ainda são muito presentes no campo brasileiro. Isso remonta nosso passado escravagista mal resolvido, que nos legou um racismo estrutural e relações de trabalho muito precárias.





## O REI LEÃO

Flávia Ludmylla

O Rei Leão é o meu filme favorito. Não sei ao certo quantas vezes eu já o vi. Ele me faz lembrar agora da minha infância, quando eu pulava as partes tristes para não chorar.

Esse filme retrata o verdadeiro valor da amizade, amor, relacionamentos familiares e a importância do passado em nossas vidas. Por exemplo, tem uma frase que me marca muito e que vou levar comigo para sempre: "O passado pode doer, mas você pode viver com ele ou aprender com ele".

O filme também me influenciou a decidir sobre o que eu quero ser profissionalmente. Como a trama fala de animais que vivem na savana, despertou em mim o desejo de ser veterinária. Essa é realmente uma decisão muito importante. Ah, não posso me esquecer das músicas que embalam o filme. São maravilhosas: "O ciclo da vida"; "Hakuna na Matata", "Quem dorme é o leão", dentre outras. Vão lá no Youtube e confirmam todas! Você vai se emocionar novamente.

Por fim, recomendo que assistam ao filme. Deixem a criança que existe dentro de você despertar. Não é apenas um filme animado, mas que traz à tona enormes ensinamentos.

O filme é indicado para crianças, jovens e adultos.



## A MULHER MARAVILHA

Camila Ingrid

A *Mulher Maravilha* é uma personagem forte, destemida, guerreira e corajosa. Identifiquei-me com ela logo que assisti ao desenho. Diria que a Mulher Maravilha é o destaque principal da *Liga da Justiça* porque ela quebra as impossibilidades e regras impostas por essa sociedade comandada por homens.

Imagina só, uma mulher com super poderes? Sim, ela tem super poderes, é linda, decidida e pode salvar o mundo. Seus braceletes ao serem tocados, soltam rajadas de poder capazes de derrubar qualquer um. Além de ter o poder da telepatia e o laço da verdade, que força a pessoa a falar a ser franca, revelando seus pensamentos ocultos e mentirosos.

Nós meninas devemos nos sensibilizar e nos inspirar em mulheres fortes que conhecemos. Pode ser nossa mãe, nossa avó, nossa irmã, nossa amiga, pode ser a *Mulher Maravilha*.

Uma mulher forte não é realmente inspiradora?

Ser mulher-maravilha é tornar-se protagonista da sua própria história. É envolver-se, desdobrar-se. É sair da tela de sua TV e ir para o mundo real. É não hesitar em transcender, em desfrutar e viver.

Eu super indico o desenho e também o filme para todos os públicos, especialmente para as meninas.

Se inspirem! Sejam fortes!

Educar não é ensinar  
respostas, educar é  
ensinar a pensar.

Rubem Alves  
Escritor e educador

@mochiler.leitura



# POEMAS



*"Poema é um gênero textual dividido em estrofes e versos. Cada estrofe é constituída por versos. Introduzidos pelo sentido das frases - e mais raramente em conversa - em que a poesia, forma de expressão estética através da língua, geralmente se manifesta." (Wikipedia)*

## LÁGRIMAS

Vitória Maria de França Silva

Lágrimas são apenas gotas de água  
Que descem dos nossos olhos e caem no chão  
É apenas mais uma forma de demonstrar  
sentimento e emoção.

Como algo que parece insignificante  
pode dizer tanto de nós assim?  
Pois é isso que as lágrimas fazem,  
dizem se estamos tristes ou felizes quando elas caem.

Há lágrimas que são de alegria,  
Mas também há lágrimas que são de solidão  
Há lágrimas que são de agonia,  
há outras que vem do perdão.

Não importa se caiu apenas uma lágrima  
Ou se com ela veio inundação,  
O que importa é que dentro dela há sempre uma frase  
que ninguém consiga a interpretação.

## LUTO

Produção coletiva

Luto contra a dor que me enche o peito,  
que me retira o ar e impede de ser inteiro.  
Luto contra a tristeza que faz sofrer  
pela ausência de quem se foi.

Luto contra a saudade e o vazio  
que ficaram na mente e no coração.  
Luto contra o sofrimento de ter que deixar  
partir quem se ama e foi-se na multidão.

Luto contra esse turbilhão, esse mar  
de sentimentos ante a realidade.  
Luto todo dia contra a raiva que revolve em vão  
de tudo o que aconteceu.

Luto contra o medo de não conseguir superar  
E sigo a vida com um sorriso nos lábios,  
calcado de enorme tristeza  
por perder quem mais amei.

Vivo dessas lembranças  
que não me deixam  
e do reencontro,  
nutro a esperança  
de um dia revê-los.



## UM LUGAR DE PAZ

Igor Santos

Eu não sei expressar  
o que sinto no momento,  
sei que me dá fortalecimento  
em aqui poder estar.

Estas árvores, este lugar,  
muito lindo de se ver.  
O canto do sabiá  
posso sentir, escutar,  
vida pulsar, florir e viver.

Uma família que só cresce,  
paz, amor e carinho.  
E isso me fortalece,  
saber que não estou sozinho.

Amigos de verdade,  
aqui sim, eu encontro.  
Sem brigas nem picuinhas,  
muito menos confronto.

E a cada etapa da vida,  
o amor cresce mais dia a dia,  
o respeito redobra  
e a paz permanece, irradia.

## SEGREDOS DA VIDA

Samile Souza

E se a vida fosse um filme?  
Quais cenas impactariam?  
E se vivêssemos para nada?  
O que iríamos aproveitar?  
Não há segredo para viver.  
Viver é o segredo da vida.  
Aproveitar os sorrisos,  
Aproveitar o choro,  
Aproveitar o nada,  
Aproveitar o tudo,  
Aproveitar o bom,  
Inclusive, aproveitar o pior.  
Aproveitar a brisa do mar,  
O calor da areia.  
Aproveitar o brilho da lua,  
Os segredos da escuridão.  
Aproveitar um amigo feliz,  
E até suas tristezas.  
Aproveitar o som,  
O silêncio.  
Aproveitar!  
Sem saber o que há de vir.  
Aproveitar!  
Porque o que nos faz sentir vivo,  
É simplesmente viver.

# Te rtúlia

# Te rtúlia

# Te rtúlia

O livro só nasce, depois que o leitor

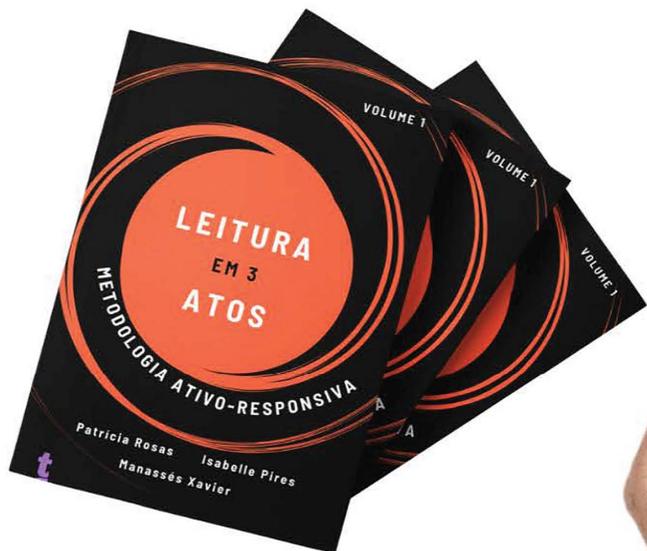
LÊ!



# LANÇAMENTO

2023

COLEÇÃO FORMAÇÃO DE LEITURA  MochiLer



# MEMÓRIAS



## QUANDO OS ANJOS SE MACHUCAM

Mary Correia

Quero contar um pouco sobre a minha história.

O recorte que faço se passou no ano de 2010, quando eu ainda tinha 7 anos de idade. Nessa idade, eu já estudava na atual escola. E mesmo pequena me incomodava com as críticas que as pessoas faziam sobre o meu cabelo. Ele era volumoso e eu gostava de usar uma tiara. Mas meus colegas ficavam zoando de mim. Já recebi até agressão física por causa disso. Mas poucos acreditavam no meu sofrimento. Nem as pessoas que eu amo me davam crédito.

Todas aquelas agressões me entristeciam muito e me afastava das pessoas.

Passei a ficar quieta no meu lugar e não gostava de interagir com meus colegas. Com o passar do tempo, já na adolescência, percebi que aqueles mesmos garotos que antes me agrediam, passaram a se interessar por mim. Alguns até me procuraram para “ficar”, mas eu não aceitei.

No entanto, um garoto me envolveu com suas palavras. Ele era muito esperto e sabia como me seduzir. Para me conquistar, ele me prometeu o paraíso. E como um anjo de candura, eu acreditei e voei para os seus braços. Quando descobri que o paraíso não passava de uma ilusão, caí no chão e me machuquei profundamente. Ainda hoje carrego marcas dessa dor.

Hoje, com dezessete anos, me sinto livre para recomeçar a amar. Mas aquele garoto vive preso às suas próprias ilusões, amargurando suas próprias escolhas erradas. Eu, porém, sigo livre para abraçar o que a vida pode me oferecer de melhor. Os anjos podem até se machucar, mas também sabem como dar a volta por cima e voltar a voar.

---

## PALAVRAS QUE NOS LEVANTAM

**Rayssa Ellen da Silva Santos**

Quando eu tinha oito anos de idade, no finalzinho da tarde, minha mãe me mandou colocar comida para os pintinhos que havia lá em casa. E quando isso aconteceu, os pintinhos vieram para perto dos meus pés e sem querer pisei em cima de um deles.

Nesse dia eu chorei muito por causa do bichinho morto. Senti-me culpada por ter pisado nele, mas minha mãe falou que isso podia acontecer com qualquer pessoa e com essas palavras, fiquei bem melhor.

Na maioria das vezes, as palavras de uma pessoa querida nos fazem sentir bem, trazem confiança, respeito e autoestima.

## A BICICLETA LARANJA

**Miquéias Henderon da Silva Santos**

Eu tinha apenas seis anos quando minha mãe comprou uma bicicleta laranja para mim.

Apesar de eu não saber andar, estava empolgado. Peguei a minha bicicleta e corri para o meio da rua. Lembro que caí várias vezes.

De repente, apareceu um menino desconhecido e me ajudou. Ele teve paciência comigo e com as minhas inúmeras quedas. Por causa da perseverança daquele desconhecido, até hoje eu sei andar de bicicleta. É como dizem: “Quem aprende andar de bicicleta nunca esquece”. E eu também não me esqueci daquele garoto desconhecido.

---



@LAMINAFILMES

REGISTRE  
CONSERVE  
RELEMBRE

O  
QUE  
IMPORTA.

LÂMINA  
FILMES

Nós nunca sabemos quão alto somos, até que nos façam



LEVANTAR!

*Emily Dickinson*

Foto: Oscar Araújo

# PATRÍCIA ROSAS

## Uma história para inspirar e iluminar a educação do país

**E**u me encontrei com os poemas de Dickinson a poucos anos e vi a força da atualidade dos seus pensamentos, apesar de séculos de sua produção. Como diz Bakhtin (2011, p. 410), *"não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação."*

Assim, apesar de décadas da produção de Dickinson, seu pensamento pulsa forte e se renova a cada conversa que temos com ela. A epígrafe que abre esse texto é um fragmento de um poema que gosto muito, precisamente porque estava decepcionada com a profissão docente quando eu o li.

Eu nasci em 1983, numa família bastante grande. Tenho 9 irmãos, com idade bem próximas, com diferença entre 1 e 3 anos de idade. Isso quer dizer que crescemos juntos, exceto o pequeno Marcelo, que ainda bebê foi brincar com os anjos no céu. Meu pai (*in memoriam*) era pedreiro e minha mãe empregada doméstica. Eles frequentaram apenas 1 ano escolar.

Quando criança, enfrentei muitas dificuldades, lutando desde pequena contra a fome e a falta de moradia. Morei no maior lixão a céu aberto da cidade de Campina Grande, sob a lona preta, o sol forte e o mau cheiro do lixo. Durante anos catei osso no lixo para vender e comprar comida para ajudar nas despesas de casa. Já trabalhei em olaria, arrancando batata no roçado, em abatedouro, dentre outras pequenas atividades para comprar comida.

Embora estivesse vivendo em situação de vulnerabilidade social, encontrei na escola um lugar de pouso, de segurança e de futuro.

***"Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação."***

Mikhail Bakhtin

## Especial

Foi na escola que me encantei pela docência, inspirada pela minha primeira professora, Rosa. Eu queria ser como ela e acalantar alunos desmotivados, como ela fazia. Mas como melhorar a vida de um aluno? Eu não sabia como fazer isso. Logo, passei a estudar, fazer pesquisa e lecionar logo cedo, desde os 18 anos de idade, quando terminei o Magistério, Escola Normal.

Ansiosa por descobrir ainda mais os mistérios da docência, ingressei no Curso de Letras, depois no Mestrado e Doutorado.

No entremeio dessas formações, precisei fazer escolhas difíceis. Quando eu estava no Mestrado, já concursada, procurei conciliar as disciplinas do mestrado e o horário do trabalho. Não conseguindo, mesmo tendo amparo no estatuto do servidor, fui falar com o prefeito do município de onde eu lecionava solicitando pessoalmente o deferimento do meu requerimento para flexibilização da minha carga horária. E logo es-cutei: *"Professora, você escolhe se quer trabalhar ou estudar. Aqui eu não preciso de um professor mestre, apenas um professor que dê conta da sala de aula."*

Aquelas palavras me puseram no chão, pois eu esperava ser reconhecida como uma professora em formação, trazendo melhoras para minha prática docente e, conseqüentemente, para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Foi decepcionante escutar aquelas palavras.

Mas aquele prefeito não sabia de onde eu vinha, nem conhecia a força da resiliência que me habitava.

[...]

*Não sabe tu que eu já tirei leite de pedra?*

[...]

Decidi continuar estudando e deixei o concurso, abraçando as conseqüências e privações que se seguiram sem meu trabalho, meu único sustento na época.

Depois do Mestrado, ingressei no Doutorado e passei quatro anos dedicada aos estudos. Já concursada em outro município, retornei após a conclusão da tese em 2017. Quando retorno para a minha sala de aula, turmas dos anos finais do ensino fundamen-tal (6º ao 9º), zona rural, me deparo com os seguintes questionamentos dos alunos:

**"Professora, é pra copiar"?**

**"Professora, vale ponto"?**

**"Professora, vai dá visto no caderno"?**

**"E logo escutei:  
"Professora,  
você escolhe se  
quer trabalhar  
ou estudar. Aqui  
eu não preciso  
de um professor  
mestre, apenas  
um professor  
que dê conta da  
sala de aula."**

\*  
\* o  
\*  
Não sabe tu que eu já tirei leite de pedra?



Foto: Óscar Araújo

Tais perguntas me inquietaram e me fizeram refletir:

**Será que continuo na sua zona de conforto e sigo o caminho já estabelecido, tão conhecido pelos meus alunos; ou rompo com essa prática e busco uma zona de superação e crescimento?**



Foto: Óscar Araújo

Como professora inquieta por mudanças, escolhi romper com essas velhas práticas de sala de aula. Daí surgiu a Revista Tertúlia e o Projeto de Leitura Desengaveta Meu Texto com o intuito de oportunizar novas experiências leitoras para além da nota ou cobrança didática. Desenvolvi uma metodologia para o ensino de leitura que trazia melhores resultados para enfrentar a desmotivação dos meus alunos para a leitura e a produção escrita.

O Projeto de Leitura Desengaveta Meu Texto em pouco mais de 5 anos já impactou a vida de cerca de 4 mil estudantes, em 6 escolas públicas, em duas cidades da Paraíba. Já recebeu importantes prêmios e reconhecimentos nacionais e atualmente é um Instituto Desengavetar, entidade sem fins lucrativos que atende crianças e jovens da educação básica através de clubes de leitura, cursos de extensão, oficinas de escrita, dentre outras atividades.

Entre o surgimento do Desengaveta Meu Texto em 2017 e o Instituto de Leitura Desengavetar em 2022, existe uma música:

*Você não sabe o quanto eu caminhei  
Pra chegar até aqui  
Percorri milhas e milhas antes de dormir  
Eu nem cochilei  
Os mais belos montes escalei  
Nas noites escuras de frio chorei  
A vida ensina e o tempo traz o tom  
Pra nascer uma canção  
Com a fé o dia a dia encontro solução*

**Estrada, Cidade Negra**

Pois bem, caro leitor. Esta edição da Revista celebra o encontro do Desengaveta Meu Texto, e o MochiLER. Projetos idealizados por uma professora de escola pública, que enfrentou colegas invejosos, diretores e coordenadores inertes e apáticos a mudanças, que enfrentou prefeitos e secretários de educação que quiseram impedi-la de estudar ou de desenvolver projetos inovadores nas escolas.

Muitas vezes pensei em desistir e até mesmo abandonar a docência, pensando:

**Para que continuar esse trabalho se eu não recebo apoio nem reconhecimento do gestor?**

**Para que me doar tanto para um sistema engessado que espera de mim apenas a reprodução de uma cartilha pronta?**

Professor, eu sei que você enfrenta dificuldades para inovar na sua sala de aula. Eu já passei por isso. E sabe porque não desisti, porque um dia eu ligue para a minha amiga Denise Lino, professora da UFCG e chorando ao telefone eu disse:

**“Denise, eu vou desistir. Eu não aguento mais. Como pode a gerente do meu setor dizer que não quer e nem aceita um projeto como Desengaveta meu Texto?”**

E sabe o que minha amiga disse?

*“Patrícia, o Desengaveta é como um filho. Você sonhou com ele. Você investiu tempo, estudo e dedicação. Você não pode abandoná-lo. Porque não se abandona um ilho!”*

Aquelas palavras rasgaram meu coração e eu comecei a ver diferente tudo o que eu faço. Eu passei a pensar:

**- E se fosse meu filho que estivesse na cadeira na sala de aula? O que eu faria por ele?**

A partir daí, me encorajei a seguir em frente e encontrei pessoas entusiastas, sensíveis às causas educacionais. Pessoas que não se deixaram vencer pelas dificuldades e que abraçaram o sonho de transformar o país pela educação.

**Conheça alguns amigos que encontrei pelo caminho...**

 @pfa.isabelle.pires

 deniselino

 lucianonascimentosilva

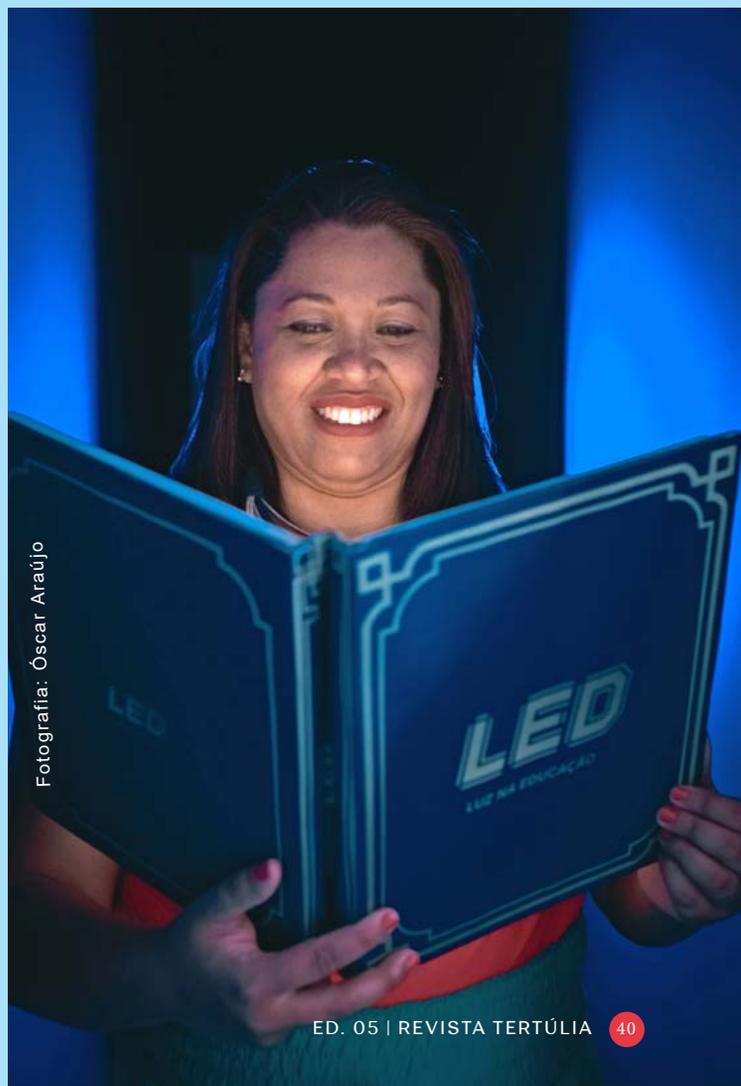
 manassesmxavier

 zedasletrasbrubuntu

 linaiara\_santos

 hgpagno

Em 2022, vencemos o Prêmio LED – LUZ NA EDUCAÇÃO, da Rede Globo e Fundação Roberto Marinho, na categoria de Educação Básica. O Prêmio nos fortaleceu ainda mais e me mostrou de modo especial que devemos brilhar feito luzeiro e iluminar outros professores e escolas que precisam de nós!



Fotografia: Óscar Araújo

E como somos incansáveis e queremos multiplicar nossos “filhos”, celebramos nesta edição o nascimento do MochiLER, programa de leitura que oferece aos pro-fessores da educação básica *ferramentas, metodologias e boas práticas* para o desenvolvimento de habilidades e competências leitoras de seus alunos. Nosso propósito é “tornar a leitura uma experiência capaz de conectar os textos às pessoas, aos lugares e às emoções”. Afinal de contas, “não basta ler, é preciso viajar”. Costumamos dizer que o MochiLER é o Desengaveta Meu Texto na sua idade jovem, mais experiente para lidar com a problemática das questões de leitura no país, a exemplo da falta de proficiência leitora.

“Se somos verdadeiros ao Plano Divino, nossas estaturas tocam os céus....”

Emily Dickinson

### Você sabia que:

- Na América Latina e no Caribe, 80% das crianças ao final do ensino fundamental são incapazes de compreender um texto simples. Antes da pandemia eram 50 %. (UNICEF, 2022)
- Mais de 50% dos estudantes chegam ao 3º ano do ensino fundamental sem ter habilidades básicas de leitura. (MEC, 2022)

Compreender um texto é essencial para o desenvolvimento da cidadania, pois dá ao cidadão *condições de se desenvolver pessoal e profissionalmente, acessando as melhores oportunidades e participando da transformação de seus ambientes.*

Para conhecer esse mais novo projeto, acesse nossas redes sociais e vamos MochiLER!

No mais, caro leitor, espero que minha história tenha suscitado o desejo de você continuar inovando em sua sala de aula. Lembre-se, toda vez que alguém disser que você não pode, LEVANTE-SE e mostre o seu tamanho! Você não está sozinho! Conte comigo sempre!



Fotografia: Óscar Araújo

# vem

para



MOVIMENTO

# LED

LUZ NA EDUCAÇÃO

ACESSE



# PROFESSORES E CONVIDADOS

## PASSEIO MEMORIALÍSTICO PELO BAIRRO JEREMIAS

### Produção coletiva Escolar

Tenho 57 anos e moro no Jeremias há cerca de 50 anos.

Antigamente, não existia escola no nosso bairro, nem praça e o bairro não era tão violento como hoje, com tantos assaltos e mortes.

Na minha época, a vizinhança era unida e as pessoas eram mais próximas umas das outras. Quando criança, costumava ver a minha mãe costurando e ficava curiosa para descobrir quem seria a mulher que encomendou tal vestido. A imaginação ia longe...

Atualmente, a gente vai numa loja e compra qualquer roupa. Não temos tempo ou paciência de esperar a roupa ficar pronta pelas mãos de uma costureira. É por isso que a profissão quase desapareceu no bairro.

Também lembro-me o quão era bom brincar. Nos dias de chuva, costumávamos brincar dentro de casa, fazendo comidinha de mentirinha e embalando bonecas de pano. Já nos dias de sol, a gente brincava de baleada, barra bandeira, pega-pega, pique esconde e muitas outras brincadeiras.

Parece-me que as crianças de hoje brincam muito pouco. Quase não as vemos nas ruas.



**Clique no botão  
para ver o vídeo.**

*Delivery Literário  
Durante a Pandemia*

# PROFESSORES E CONVIDADOS

## AS DIVERSAS TERTÚLIAS

Kydelmir Dantas

Os conceitos da expressão tertúlias variam muito pouco entre dicionários (Aurélio, Houaiss, Aulete) e se resume a “encontro de pessoas para uma palestra literária”.

Nos idos de 1975 a 1977, quando estudava no internato do Colégio Agrícola de Jundiá (Macaíba-RN), tivemos conhecimento que o termo era usado nas fronteiras entre o Rio Grande do Norte e o Ceará como uma reunião em casa de amigos para ouvir música e dançar ao som de discos colocados em radiolas e vitrolas. Chegando a Mossoró-RN, no ano de 1987, tivemos a oportunidade de participar de algumas tertúlias, momentos em que os convidados entravam com os comes-e-bebes e os donos das casas com o som, os discos e a alegria receptiva, ocorrendo geralmente nas noites de sextas e sábados.

Agora, deparamo-nos com uma Revista Literária que traz este nome, TERTÚLIA, a qual nos apresenta textos em prosa e versos, crônicas e opiniões de estudantes, professores e convidados. É simplesmente uma ideia legal de incentivo à leitura e ao exercício de pensar e colocar no papel aquilo que muitos têm vontade de fazer e acreditam que não podem realizar com qualidade ou que não merecem atenção.

Neste início do século XXI, período no qual grassam as comunicações através das redes sociais e dos aparelhos manuais (celulares, smartphones, tablets), a proposta da revista Tertúlia demonstra que a impressão da escrita, criação do alemão Johannes Gutenberg (1398 – 1468), não morreu. Pelo contrário, está viva e muito ativa para alegria de quem gosta.

Que venham outras TERTÚLIAS para a alegria dos que escrevem, leem, respiram e vivem a leitura. Parabéns, amplexos e ósculos a todos (as) que a fazem circular.

# Prêmio LED



**Clique no botão  
para ver o vídeo.**

*PREMIAÇÃO LED*





# PROJETOS VENCEDORES 2022



CONHEÇA TAMBÉM OS PROJETOS  
FINALISTAS NA  
[COMUNIDADE.LED.GLOBO](https://www.comunidade.led.globo)

PROGRAMA FUTURAS CIENTISTAS  
FORMAÇÃO DE JOVENS EMPRESÁRIOS RURAIS DA AGRICULTURA FAMILIAR  
DESENGAVETA MEU TEXTO  
ADOTE 1 ESCOLA  
ESPAÇO EDUCACIONAL CULTURAL E ESPORTIVO QUILOMBO GUARANI  
PROGRAMA DE INCLUSÃO SOCIAL PRODUTIVA





# KOBRA: PINTAR MUROS E ULTRAPASSAR FRONTEIRAS

Monique Vitorino

**P**ela mão da criança que experimenta seus primeiros rabiscos nas paredes de casa, somos levados aos primórdios da humanidade, quando o ser humano dá início aos registros pictográficos por meio da pintura rupestre. Assim, tomamos consciência de que o movimento de grafar em paredes ou muros, internos ou externos, nos conecta com o que há de mais primário em nossa expressão artística e vontade de narrar o que nos cerca e nos forma como humanos. Talvez por isso, a chamada arte de rua, que tem na pichação, no grafite e no muralismo suas variações, produzida no espaço público, consegue comunicar na simplicidade (sem ser simplório) com diferentes públicos, rompendo com a percepção de arte como algo canônico e elitizado, confinada a museus, mas sim, como algo dinâmico, forte e ancestral.

É nesse cenário que encontramos a expressão de Eduardo Kobra, um muralista com fama internacional, natural da cidade de São Paulo, que despontou com seus murais e painéis enormes

na composição dos espaços urbanos com reflexões sobre a vida, o lugar e as pessoas. A transformação dos espaços públicos proposta pela arte de rua mobiliza seu potencial para trazer a reflexão promovida pelo traço artístico, que se mostra ao alcance de todos. Há mais de trinta anos atuando, Kobra cria e recria cenas marcantes e rostos de personalidades de destaque, respondendo aos anseios populares, iluminando pessoas e ideias, com uma marca que confunde a autenticidade do traço e o valor educativo das obras.

Kobra foi reconhecido pelo Guinness Book com o maior grafite do mundo, com o mural "Etnias", localizado no Boulevard Olímpico, durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016. O apelido "Cobra", com "c", veio da habilidade no desenho já notada pelos parceiros de pichação da adolescência. Aos poucos, o garoto rebelde que buscou o vandalismo como forma de se opor às regras da escola, foi espalhando sua marca e apelido pelo bairro do Jardim Martinica, periferia



*Etnias, 2,5 mil m2 (Rio de Janeiro, 2016). Fonte: <https://eduardokobra.com/projeto/26/etnias>*

**O muralismo é um movimento artístico que tem suas origens no México. Dada a expressividade e o alcance que as mensagens alcançam em grandes muros mundo afora, o movimento abre espaço para o engajamento social, trazendo reflexões e pontos de vista críticos sobre a realidade das grandes cidades. A dimensão que as pinturas alcançam potencializa as mensagens visuais produzidas pelos artistas, o que favorece a disseminação das mensagens e questionamentos dos artistas.**



*Em São Luiz do Maranhão a homenagem aos escritores locais (Fonte: <https://exame.com/casual/eduardo-kobra-o-brasileiro-que-leva-a-arte-de-rua-para-o-mundo/>)*

de São Paulo, e se especializando, passando da pichação ao grafite, e deste, ao muralismo, como prefere nomear sua arte hoje.

O garoto da periferia deu seus primeiros passos na arte de rua com a pichação, aprendendo as técnicas de maneira autodidata. Seu primeiro projeto de sucesso foi o “Muro das Memórias”, cuja proposta fazia o resgate de fotos antigas da cidade de São Paulo, consolidando sua preocupação com a ressignificação do passado para as gerações atuais, a fim de contribuir com a construção da identidade da cidade e do pertencimento por meio da preservação histórica. Isso foi por volta de 2007. De lá para cá a carreira se consolidou cada vez mais, com outros projetos de sucesso pelo Brasil e o reconhecimento internacional.

Os famosos painéis coloridos que retratam personalidades históricas que tiveram papel importante na construção de um mundo melhor, como Malala, Anne Frank e Ghandi, conquistam o público pela grandeza (não só em tamanho) dos trabalhos. Imprimindo cores vivas e contrastantes sobre as cenas em preto e branco, baseadas em fotos de expressões realistas dos rostos das personalidades, o artista ressignifica a história e a memória daquelas personagens a partir de uma perspectiva vibrante para o presente e o futuro.

A arte de rua é marca das cidades mais cosmopolitas e modernas, como São Paulo e Nova York, as quais valorizam a expressão artística, promovendo-a democraticamente por meio dos



*Painel de Anne Frank em Amsterdã, Holanda (Fonte: <https://exame.com/casual/eduardo-kobra-o-brasileiro-que-leva-a-arte-de-rua-para-o-mundo/>)*



Pichação	Grafite	Muralismo
A nomenclatura é sinônimo de vandalismo para quem se refere assim à pintura feita em muros/ paredes com tinta spray. Tem caráter marginal e clandestino. Não é permitido.	Se caracteriza por ser organizado artisticamente, com traço e linguagem intencional, próprios de cada artista. Efêmero. Não é permitido.	Feita em painéis ou paredes, esse tipo de arte tende a permanecer no local por anos, pois é feito sob acordo com proprietários privados ou públicos e busca se relacionar com a arquitetura. Depende de autorização.

Elaboração própria

painéis presentes em pontos importantes turisticamente. A cidade, assim, valoriza os movimentos artísticos de vanguarda e transforma os espaços urbanos em museus a céu aberto.

Na obra de Kobra, as imagens realistas feitas a partir de fotografias de personalidades sobrepostas por formas geométricas e cores fortes atuam na construção de um estilo que é marca do artista. Seu processo criativo envolve a pesquisa sobre a vida e a obra da pessoa a ser retratada, o estudo da área (arquitetura, visibilidade, história local) onde vai ser localizado o painel, a preparação de originais em telas e, por fim, a passagem para o muro, que é o destino final. Esse processo, entre a criação e a finalização do trabalho, leva em torno de dois meses.

Com a visibilidade de seus trabalhos, Eduardo Kobra atua para combater o preconceito existente no Brasil contra a arte de rua, especificamente o grafite, uma manifestação entendida, muitas vezes, como vandalismo. Além disso, os painéis do artista disseminam a cultura da paz por meio dos rostos de quem atua pela não-violência.

## Mural de incentivo à leitura

Produzido ao lado de uma escola em Sorocaba-SP, o mural com quase 21 metros, mostra um menino que sobe as escadas para alcançar o livro de sua escolha em uma estante. Este forte monumento à formação de leitores e ao incentivo à leitura dos clássicos da literatura brasileira representa como um jovem estudante pode, por meio da leitura da literatura, alcançar lugares

mais altos em sua construção como pessoa, como cidadão brasileiro.

Unindo infância e livros, o resultado da produção é uma mensagem de fé na educação e de crença no poder que a literatura tem para levar mais longe o jovem estudante brasileiro. A obra contou com a participação nas redes sociais para a escolha dos títulos que seriam retratados ali. Os 150 livros mais indicados, dentre os cerca de 4.000 comentários, figuram no mural desde janeiro de 2021.



O menino na estante de livros. Fonte: <https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/pelo-interior/artista-urbano-kobra-finaliza-painel-de-incentivo-a-leitura-em-sorocaba/>



## VAMOS DESENGAVETAR?

Jaidete Dias

Nasce uma biblioteca

O que vamos desengavetar?

Desengavetar os textos

Que nos fazem viajar.

Desengavetar os livros

que nos fazem questionar,

desengavetar cordéis,

que nos fazem declamar.

Desengavetar leituras

que nos fazem pensar,

desengavetar os sonhos

de leitores a se multiplicar.

## UM AMOR DE UMA VIDA INTEIRA

Linaiara Santos H. de Melo

Acredito que todos tenham iniciado a leitura dessa crônica pensando que vou contar a história de uma paixão que tive por um rapaz. Sinto que não é sobre esse tipo de amor que irei falar. Vou expressar um sentimento que parece ter vindo comigo de outras vidas, pois o senti, dentro de mim, todas as vezes que via ou pensava nessa pessoa.

Desde pequena ia para casa da minha avó materna e ficava horas, pertinho dela, muitas vezes, sem dizer uma única palavra, mas só o fato de a sentir, perto de mim, me fazia bem. Todos os sábados, à tarde eu ia ficar com ela e ficava observando-a fazer bolo, cuidar da casa... Éramos só eu e ela, mas nos compreendíamos até pelo olhar. Sentia-me tão bem, que todos os meus aniversários, eu queria passar com ela. Todas as tardes de sábado eu fazia questão de ficar ao lado dela. Ríamos, chorávamos, lembrávamos mil vezes os mesmos acontecimentos. Éramos como velhas amigas.



E foi assim até o último dia da vida dela.

Ela se foi no dia 06 de dezembro de 2003, nove dias depois do meu aniversário. E foi nesse dia que ela se despediu de mim. Arrumei-me toda e fui correndo comemorar esse dia com ela. Como ela estava adoentada, esperei que ela estivesse no quarto, mas para minha surpresa, estava no terraço sentada, sozinha. Olhei pela grade e a vi logo me emocionei. Era tudo que eu queria de presente, vê-la bem.

Ela ficou muito feliz em me ver, mas não lembrou que era o meu aniversário, pois estava bem debilitada para lembrar de alguma coisa. Quando ficou sabendo tratou logo de pedir a minha tia para comprar uma pizza para comemorarmos. Eu nem imaginava que aquela seria a nossa despedida.

Quando a pizza chegou, ela pediu-me desculpas e disse que não conseguia mais ficar sentada e que queria deitar-se. Minha tia levou-a até o quarto. Ao chegar à porta, minha avó parou, olhou-me e disse: Lina, você mora aqui (apontou para o coração dela).

No sábado seguinte, nos encontramos pela última vez. Mas, desta vez não havia mais vida nela e a minha tinha perdido o brilho. Restou-me apenas a saudade e o amor que sempre viverá em nós.



## QUARTO CINZA

**Patrício de Albuquerque, professor**

Ângela acabara de chegar de Santos quando recebeu a notícia de que seu tio Noah estava muito mal, no hospital.

- Ele não está nada bem, minha filha! - disse sua mãe, entristecida.

A jovem ficou atônita. Não chorou, não gritou, não fez comentários. Não era a mesma garota de antes.

Passada uma hora, ela saiu e pediu o endereço do hospital. Era domingo, dia de visita aos enfermos. Ângela, antes de ver o tio, conversou com o médico que estava cuidando do caso.

O médico não mentiu para ela.

- Bom dia, doutor!

- Bom dia! Posso ajudá-la em alguma coisa?

- Eu sou a sobrinha do Sr. Noah, o paciente do quarto 213.

- Sente-se, por favor! - disse o médico.

- Como o meu tio está? Por favor, doutor, fale toda a verdade...

- Está bem!

- A situação do seu tio é bem delicada, senhorita.

Deus haverá de ter piedade dele! Não há mais solução. O que podemos fazer por ele é aplicar alguns remédios para aliviar as incessantes dores.

- Tem certeza, doutor?!

- Estou certo!

Ao se deparar com o tio, Ângela não sabia explicar o que sentia naquele momento. Percebeu que a vida parecia com uma vela acesa: fim de luz, fim da vida. Tudo em volta era cinzento. O seu tio gemia fortemente. Ângela também sabia que eram aqueles aparelhos que prolongavam a vida e o sofrimento de Noah. Ela parou, observou o tio e mergulhou no vazio.

De repente, Noah abriu os olhos. Com o seu olhar frio e mórbido, parecia estar pedindo alguma coisa. Mas o quê?! Era uma súplica? O que se passava naquele quarto cinza?

Ângela olhou para ele, acariciou-o. Ele franziu a testa de tanta dor. Fechou os olhos.

Noah era solteiro e não tinha filhos. Morava num pequeno sobrado, no interior de São Paulo. Dedicou-se à criação de passarinhos e da educação da sobrinha. A sua irmã Esperança era a única pessoa com quem podia contar, pois Ângela era muito ocupada em um trabalho ignorado. Mesmo ausente, Noah fazia o papel de pai da menina, já que Esperança era mãe solteira.

Inconformada, a moça resolveu voltar para casa. GANHOU a porta e saiu. Silenciosamente entrou corredor adentro. Minutos depois, pensativa e desajustada, Ângela voltou até a enfermaria onde estava o tio.

Ao chegar a sua casa, a garota atravessou a sala, não cumprimentou a mãe e correu diretamente para a sua cama, sem pronunciar uma palavra sequer. Quando estava adormecendo, o telefone tocou. Não quis atendê-lo.

- Aloooô!

- A dona Esperança, por favor!

- Sim, é ela!

- Aqui é do hospital. Infelizmente, temos que avisar que o senhor Noah faleceu. Dona Esperança deixou o telefone cair de tão nervosa que se encontrava. E foi correndo para dar a indesejada notícia à filha:

- Ângela - disse Esperança aos prantos - seu tio, que você tanto estimava, faleceu...

A moça, nervosa, acendeu um cigarro. Fumou-o. Respirou profundamente e disse:

- Coitado! Que Deus o tenha...

Um pequeno sorriso estampou na face de Ângela. Ela estremeceu e gritou loucamente.

---

## SOMOS IGUAIS

**Eudes Gomes** (*In memorian*)

O orgulho rende-se à igualdade

Ao dormir o sono derradeiro

Hora dos pobres e ricos

Exalarem o mesmo cheiro.



Quando a voz prepotente se cala  
 Para nunca mais falar  
 Iguale-se a humildade  
 Que tantas vezes a fez chorar.

E um coração duro como aço  
 Fragmenta-se amolecido  
 Em mil pedaços.

Indiferente ser último ou primeiro  
 Somos todos iguais  
 Ao dormir o sono derradeiro.

## MEMÓRIAS DE UM ESCRITOR

**Jurani Clementino**

O livro "A Cidade" do poeta, odontólogo, ator e escritor cearense Mailson Furtado, escolhido como o livro do ano e vencedor do maior prêmio de literatura do país, o Jabuti, tem o cheiro e o gosto do sertão. Ao ler você revive muitas memórias afetivas.





Esta semana eu tirei um tempinho para conhecer a obra que foi gentilmente autografada pelo autor durante seu lançamento aqui em Campina Grande. Depois que li, fechei os olhos e fiquei imaginando. Ora, a cidade de Maílson pode ser a minha cidade, a sua cidade, a cidade de todos nós.

Nela existe o cheiro, o sabor e a dinâmica que toda pequena cidade possui. É uma cidade de gente, com casinhas deselegantes de concreto, ruas ainda não batizadas, praças e igrejas. É uma pequena cidade sertaneja banhada por um rio que sempre deságua no mar. Uma cidade com meninos correndo pelas ruas desniveladas com seus paralelepípedos desiguais. Cidade da feira semanal, das missas e dos cultos. Cidade de ruas com pessoas conversando todo fim de tarde nas calçadas. Cidade de noites ora movimentadas, ora solitárias e desertas.

É o tipo de cidade que habita e pulsa dentro da gente, porque trata-se de memória, de história de saudades no plural. Saudades do dia de finados que íamos visitar os ausentes para sentir um pouco de suas presenças. O livro trata de questões do presente, passado e futuro e, acredito que, praticamente todo mundo conhece, conheceu ou conhecerá uma cidade como está desenhada em versos por Maílson. Basta observar com um olhar curioso para perceber que presente, passado e futuro coexistem.

## O JOGO

**Catharie Brandão De Souza**

Pula, pula, pula  
Salta sem parar  
Corre, corre, corre  
Joga pra ganhar.  
De mão em mão me entrega  
Não pare, não dê trégua  
Só existe uma regra  
Todos podem ganhar  
E no esporte da vida,  
Inteligente é quem...  
Joga e se joga Sem medo de errar  
E faltando apenas segundos  
Vence o esporte  
com dor e com corte  
Com luta e com sorte  
Chega ao final e pode falar...  
Ensinei e aprendi...  
Compartilhei e vi  
Que o melhor esporte do mundo,  
É entender, educar, viver, ensinar  
E acima de tudo poder se lembrar  
Conhecimento é a base que torna a vida  
O melhor jogo que vamos ganhar.





## CACTOS

**Cibele Laurentino**

Encontramos cactos no caminho,  
 Encontramos, pedras, espinhos,  
 Entre os cactos, flores,  
 Encontramos água,  
 Beleza, amor  
 Natureza.  
 Você que tanto fez,  
 Mágoas, magias, oferendas.  
 Encontrei uma flor.  
 No coração,  
 Uma pérola, talvez.  
 Não tive tempo.  
 Sua missão acabou.  
 Você se foi.  
 E eu fiquei  
 Contando o cheiro que senti.

## O LUGAR DA MEMÓRIA É NA ESCOLA

**Bruno Gaudêncio**

A memória não é privilégio dos velhos. Não é símbolo máximo daqueles que por longos anos acumularam experiências. A memória é o signo da vida. É território de todos. Sangue pulsando a existência. Outro dia, perguntei a um aluno sobre o que ele lembrava da sua infância. Ele ficou sem graça e respondeu, depois de alguns segundos, que sua infância não era nada demais ou era igual a qualquer um.

Na hora tive uma ideia: “Queridos, tenho um exercício para vocês para a próxima aula: tragam uma fotografia de suas respectivas infâncias”. Dos vinte e oito alunos, apenas dois ou três não trouxeram. Observei logo na entrada, que o mesmo aluno que respondera que sua infância não tinha sido “nada demais” estava empolgado vendo as fotos dos colegas e suspirou fundo quando me viu entrando na sala.

Comecei minha dinâmica mostrando a minha foto de infância. Trouxe uma das poucas que possuo deste período. Eu, em um velocípede laranja, sorrindo no terraço da casa dos meus avôs, em Cabaceiras, Paraíba. Comentei a importância dos meus avôs na minha vida, relatei que não lembrava o destino daquele brinquedo, mas contei uma história da roupa que eu usava. Era vermelha, com desenhos de um urso de cor branca. Todos os meus alunos ficaram atentos. Era evidentemente uma história banal, como seria, aparentemente, a história de todos da sala. Mas percebi que eles alcançaram minha emoção ao falar dos meus avôs, de como aqueles objetos e vestuários engatilharam sentimentos que guardo até hoje como lembranças.

Em seguida, continuei a dinâmica. Uma das alunas mostrou sua foto no dia do seu aniversário de sete anos. Foi sua primeira e única festa de aniversário até aquele momento. Seus pais não possuíam condições de fazer uma grande comemoração, mas naquele ano seus pais prepararam no clube do bairro uma festa. Ela nunca esqueceria aquela data, mesmo passado quase dez anos. Relatou com minúcias os convidados, os presentes e o sabor do bolo. No final apenas desejei que ela guardasse para sempre aquela foto como a melhor de sua infância. Vi de relance uma pequena lágrima no canto dos seus olhos verdes.

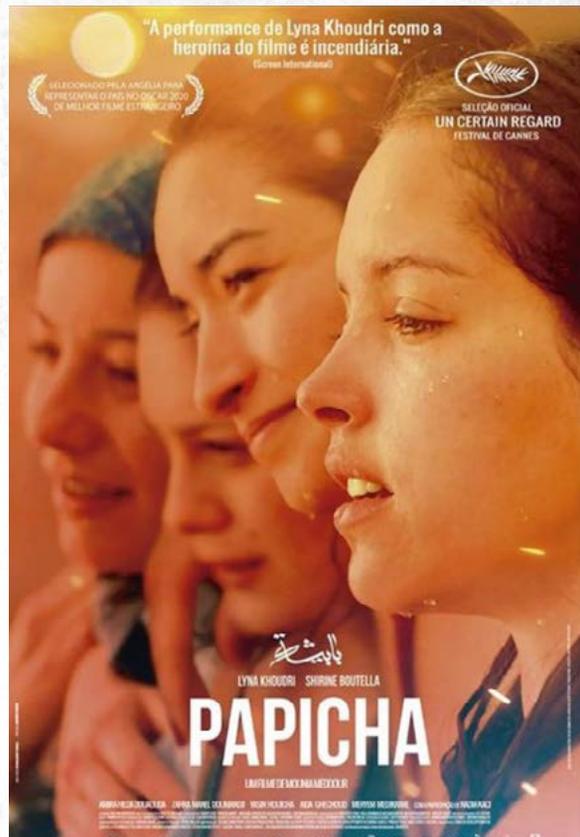
E fui continuando a dinâmica, passando de adolescente para adolescente, percebendo como cada um deles estava interessado em saber cada vez mais sobre a memória das infâncias um dos outros. Estavam ao mesmo tempo agitados e atentos; riam com a foto que remetia a algo engraçado (quando, por exemplo, um aluno mostrou uma imagem com o braço quebrado no seu último natal. Ele havia caído de um pé de bananeira); ou choravam como uma das meninas mais tímidas apresentou sua foto de aniversário de quinze anos à turma, lembrando-se do sorriso da sua mãe, recém-falecida.

Foi quando cheguei ao último aluno, justamente aquele, o menino que havia respondido que sua infância não era nada demais. Ele estava com a sua foto na mão. Levantou e mostrou para toda a turma. Era a imagem de um homem ma-



gro de bigode pretos, com três crianças entre cinco e dez anos. Era seu pai, exatamente na escola onde nos encontrávamos. A imagem remetia ao dia em que a casa onde moravam fora destruída por uma cheia e a escola abrigou sua família. Ele, seu pai (já falecido), sua mãe e seus dois irmãos mais velhos ficaram desabrigados. Perguntei a ele porque escolheu exatamente aquela foto. Ele respondeu: "Acho que não fui certo em dizer que minha infância era nada de mais, iguais às outras. A minha infância foi um pouco triste, perdi meu pai cedo, perdi minha casa, mas fui acolhido aqui de diversas maneiras. Morei aqui nas férias de janeiro de 2005, estudo aqui desde que me tenho como gente."

Emocionado, todos ficaram silenciados e imóveis quando ele voltou para sua cadeira. Fiquei quieto, observando seus amigos o cumprimentarem quase todos emocionados. A memória não é privilégio dos velhos. A memória é signo da vida. É território de todos. O lugar da memória é na escola.



## PAPICHA

**Ernani Terra**

Entrou em circuito comercial em pouquíssimas salas (assisti no Espaço Itaú de cinema - inteira a 38 pilas, meia a 19), Papicha, filme pré-selecionado argelino ao Oscar de melhor filme internacional. Anteriormente, fora exibido na 43ª Mostra de Cinema. Baseado no fato real ocorrido em Argel na década de 1990, o filme tem como personagem central Nedjma, uma estudante universitária, a Papicha, interpretada pela lindíssima Lyna Khoudri, apaixonada por moda e possuidora de enorme habilidade para desenhar vestidos.

Papicha organiza um desfile de moda em que pretende apresentar suas criações. O desfile é um ato político em que a jovem estudante universitária mobiliza colegas e pelo qual se insurge contra o machismo e a religiosidade de um governo que pretende transformar o país em estado islâmico, em que à mulher só cabe procriar e servir seu homem.

Se os valores arcaicos são uma forma de controlar os corpos das mulheres, o vestir-se sensualmente é a forma que Papicha encontra para





manifestar sua rejeição aos valores do conservadorismo islâmico.

Papicha veste-se como uma jovem ocidental: usa jeans, mostra as pernas, não usa o véu islâmico. Além disso, pinta-se, passa batom, fuma cigarros, ouve e dança rock e reage à pressão e à campanha para que as mulheres usem o hijab, a vestimenta feminina típica do Islã. A manifestação pública da sensualidade é sua arma.

Uma jovem e corajosa revolucionária numa sociedade ultraconservadora que vive uma guerra civil. Com sua habilidade de desenhar modelos de roupas, organiza um desfile de moda em que suas colegas usam modelos de hijabs por ela criados que revelam a beleza e a sensualidade da mulher islâmica, o que, evidentemente, será alvo de reações violentas não só por parte de homens, mas também por parte de mulheres conservadoras.

Não tenho dúvidas em afirmar que Papicha é um dos melhores filmes deste ano. Que nesses tempos de conservadorismo damaresiano, a jovem Papicha nos sirva de exemplo de resistência.

## OS BRINQUEDOS NAS PRATELEIRAS

**Paula Salvarani**

Aqui em casa não existem brinquedos espalhados pela casa, aliás, eles nunca saíram das prateleiras onde estão guardados. Aqui não há gritos de euforia na hora de brincar. Não há mundo mágico da infância, aquelas histórias tão cheias de imaginações. Não sei se a Lara prefere brincar de bonecas ou se prefere jogar bola. Se prefere as princesas ou o Mundo-Bita. Talvez as duas coisas?! Não sei. Sabe aquela vozinha tão doce chamando mamãe, mamãe, mil vezes mamãe? Eu nunca ouvi.

Sabe por que estou escrevendo esse texto agora? Porque ontem me deparei com uma cena que me deixou pensativa: uma mulher puxando os cabelos do seu próprio filho. E sabe qual o motivo? A criança correu e se empolgou no corredor do supermercado. Eu não estou julgando a atitude daquela mãe. Sei que as crian-



ças correm e se empolgam quando estão fora de casa. Mas para mim, seria uma grande realização se a minha filha pudesse brincar onde ela se sentisse à vontade, mesmo se esse espaço fosse num supermercado. Seria maravilhoso ter vários brinquedos espalhados pela casa, isso seria um sinal de que alguma criança estava brincando. Também seria maravilhoso se a minha pequena Lara pudesse me chamar de mamãe e não quisesse os braços de ninguém mais, apenas o meu colo. Queria que ela fosse meu "chicletinho", sempre grudadinha em mim.

Porém, infelizmente, minha Larinha, desde os primeiros dias de vida, teve que ficar "sozinha", num bercinho da UTI, e eu não pude fazer nada para me aproximar dela. Tinha que ficar ali, olhando de longe. Se eu pudesse dar um conse-



Iho para uma mãe, tão cansada da maternidade real, diria: Deixe as crianças serem crianças, não tente transformá-las em pequenos robôs. Tenha calma! Vai passar! Elas crescem tão rápido! Criança feliz grita, corre, não para. Parece que tem formiguinhas nas fraldinhas. Querem explorar tudo à sua volta. E isso exige paciência da nossa parte. É preciso ensinar mil vezes. É preciso não sair do seu autocontrole, contar até 10, beijar mais, abraçar mais e parar para ouvir suas

incríveis historinhas quantas vezes forem necessárias. Tudo isso molda as memórias e recordações de uma infância feliz.

Sei que a maternidade para algumas mulheres é triste, dolorosa e talvez cansativa. Entretanto, é preciso mudar a direção do nosso olhar e começar a louvar a Deus pela saúde dos filhos. Claro que educar não é nada fácil. É preciso pulso firme. Mas é preciso, acima de qualquer coisa, educar com amor.



# QUE CHEIRO SUA AVÓ TEM?

Patrícia Rosas

## Sabonete e café moído



Conhecer nossos avós é um privilégio. Eu só tive a oportunidade de conhecer minhas avós. Dona Eulina (avó paterna) e dona Rita (avó materna). Eu me encontrei pouquíssimas vezes com vó Eulina. Ela morava numa cidade muito distante da minha. A lembrança que tenho dela é de uma senhora séria, semblante preocupado e de pouco afago com os netos. Mas ela sempre sorria quando a gente chegava em sua casa. E ninguém saía de lá sem um presentinho. Ou melhor, ela sempre nos dava o mesmo presente: um sabonete “Alma de Flores”. Era um sabonete caro, luxuoso e de um perfume agradável. A história conta que esse sabonete data de 1950 e, atualmente, ainda se mantém no mercado. Quando passo nas prateleiras e vejo esse sabonete, penso: *Lá está o cheirinho da minha vó Eulina. O cheiro traz saudade!*

Sobre a minha avó Rita, tenho muitas lembranças, pois morei com ela alguns anos. Ela era afável, carinhosa e sempre acompanhada pelos netos. Sua casa cheirava a rosas, a manga e a café. Este era o cheiro mais forte de que tenho lembranças. Todas as manhãs acordávamos com o cheirinho de café bailando no ar. Era o café sendo moído e pisado no pilão. Essa lembrança me afeta muito.

Foi numa manhã fria, silenciosa e com cheiro de café que vi minha vó pela última vez. Mesmo criança, eu tentei fazer uma oração desesperada: *Meu Deus, por favor, não deixe a minha avó morrer. Eu preciso muito dela.* Mas a minha oração não atravessou o teto e minha vó Rita se foi, assim como o meu gosto pelo café.

Se vó Eulina e vó Rita tivessem esperado um pouco mais pelo futuro, talvez eu tivesse alguma foto delas para mostrar a vocês. Mas a pressa pelo descanso foi mais forte.

## Cheirinho de bebê e pomada

Em 2009 conheci uma senhora muito simpática e firme. Com palavras poucas, mas com poder de decisão. Eu me senti à vontade ao conversar com ela. Conversamos sobre casamento, sobre a engrenagem da vida, sobre filhos e outras coisas que só nós duas sabemos.

Hoje ela está com 88 anos. Tem alzheimer, parkinson, dores nas pernas. Mesmo assim, ela continua sendo a referência da sua casa. Para ela se voltam os olhares, os cuidados e toda a atenção. E como seu coração foi grande, acolhendo a todos à sua volta, hoje é grande o número de mãos



que se prestam para ajudá-la. São as mãos das filhas, dos filhos, das irmãs, das cuidadoras.

Graças a essas mãos maravilhosas seu cheirinho é de um bebê que acaba de tomar banho. Um cheirinho também de pomada. Pomada esta que sara seus constantes arranhões e embebe sua pele frágil, sensível a qualquer toque.

Hoje, ela não me reconhece. Não reconhece seus netos. E isso parece triste. Às vezes, decepcionante. Mas o mais importante é sabermos quem ela é. O que ela significa para nós. Para mim, dona Dalva é uma das mulheres mais importantes da minha vida. Ela me deu um esposo e juntos demos a ela uma casal de gêmeos.

O cheirinho de Dona Dalva me diz que devemos ser leves como uma criança e adulto o necessário para passar pomada onde dói.

## Arnica e floral

Conheci vó Carminha a muitos anos. Ela sempre gostou de ser avó. No total, são 16 netos e dois bisnetos. E olha que ela só tem 58 anos de idade. Eu pensei que ela já estava satisfeita com

seus 11 netos e não fizesse questão por mais um. No entanto, foi aí que conheci a força motriz de uma avó. Isso aconteceu há quatro anos, quando um médico disse que eu não podia ter filhos (devido a um problema de saúde). Ao invés de me consolar, dizendo “tudo bem, minha filha, você supera isso”, ela olhou para o desatino daquele médico e disse: “O senhor ainda vai ver os filhos da minha filha”. Com aquelas palavras, ela determinou que viria mais netos pela frente. E acertou no plural. Nasceram gêmeos. Os primeiros gêmeos da família.

Nunca voltei para aquele médico para mostrar que aquela avó sabia mais do que ele. E por mim ele nunca saberá. Prefiro dar ibope às palavras desta avó, que sabe sofrer a perda de alguns netos, que sabe brigar pelos netos que já nasceram e que sabe profetizar pelos netos que nascerão. Hoje, suas debilidades e seu cansaço lhe dão um cheirinho de arnica. E os netos fazem questão de massagear suas dores. Mas seu cheiro também é de floral que exala das suas muitas roupas. Sim, ela adora ganhar roupa nova, perfumes e cremes. Atualmente, vó





**Clique no botão  
para ver o vídeo.**

COMUNIDADE LED

Carminha divide seu tempo com a Bonitona da Carminha, seu personagem *digital influencer*. Duas figuras fantásticas numa única pessoa. Um equilíbrio perfeito entre leveza, alegria e dores silenciosas. **O cheiro traz saudade!**

## Avós, uma experiência contemporânea

Durante as oficinas de escrita ministradas por nós nas escolas, eu perguntei, informalmente, a vários alunos como era a relação deles com seus avós. A grande maioria dos alunos com quem conversei diz ter pouco aproximação com os avós paternos; outros disseram que só chegaram a conhecer seus avós por foto; muitos não sabiam o segundo nome de seus avós e outros os conheciam apenas pelo hipocorístico afetivo “avó ou avô”. Além disso, escutamos muitos relatos de conflitos envolvendo avós, netos, pais.

Uma aluna do 6º ano nos deu o seguinte relato: “minha mãe brigou com o meu pai e meu pai me fez mal, por isso eu fui morar com a minha avó”. O relato dessa aluna nos parece singular, no entanto, escutando vários alunos, percebemos que o conflito familiar entre os pais é um dos principais problemas que motivam os avós a criarem seus netos. Essa convivência, na maioria das vezes, é salutar e traz segurança para as crianças, outras vezes gera incerteza e medo.

Segundo Ramos (2015), a relação entre avós e netos é uma experiência contemporânea. Isso porque a expectativa média de vida não permitia que muitos avós vissem os seus netos nascerem e crescerem. No início do século XX, por

exemplo, tal índice era de apenas 33,7 anos, o que limitava consideravelmente o convívio entre três gerações. Hoje, segundo a autora, esse percentual subiu para 25%, criando um número expressivo de famílias multigeracionais. Segundo dados do censo de 2010, em apenas cem anos, a expectativa de vida do brasileiro dobrou, passando, para 73,4 anos.

Concordamos com Ramos (*op. cit.*) quando diz que a presença mais duradoura dos avós e bisavós no convívio familiar fizeram com que o tema do envelhecimento entrasse na agenda de diferentes campos: como na política, com a implementação de leis assistenciais; na economia, com a descoberta do idoso consumidor e de uma série de produtos destinados à chamada terceira idade; na saúde, com a busca por melhor qualidade de vida na velhice; e na educação, com o advento da Gerontologia Educacional e dos novos processos de formação direcionados aos que trabalham com idosos.

## Avós, uma experiência literária

Sabemos que a literatura reflete os costumes de um povo, seus saberes, suas verdades, seus medos, suas crenças. Desse modo, sugerimos o trabalho da temática sobre os avós na sala de aula a partir de diversas obras literárias. Estas nos dão as sutilezas necessárias para se abordar questões sensíveis, como a que estamos abordando.

RAMOS, Anne Carolina. *Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais*. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 191-225, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v40n1/2175-6236-edreal-40-01-00191.pdf>



## MEMÓRIA

À **Luzia Costa**  
**Isabelle Pires**

Guardo na memória  
o som da sua máquina de costura.  
Tear suave de mãos precisas  
sobre a bancada de madeira  
cheia de linhas coloridas,  
tesouras, agulhas.  
Aqueles carretéis  
furtavam meus olhos pueris,  
que enamoravam  
o espetáculo mosaico de texturas e entretons.

Guardo na memória  
o som da sua máquina de costura.  
Sentada aos pés de minha avó,  
a maestrina esmerada,  
acompanhava o embalo do pedal  
e recolhia os retalhos  
que iam deitando sobre o chão de cimento  
daquela pequena sala.

Guardo na memória  
o som da sua máquina de costura.  
A agulha atravessando o tecido,  
levando a linha até a bobine,  
entra na lançadeira,  
forma o ponto da tessitura.

Guardo na memória  
o som da sua máquina de costura.  
Do balado do pedal,  
da caixinha sobre a bancada de madeira,  
do cheiro do café  
e do sabor incomparável  
de fatias douradas  
que o acompanhava  
ao final das tardes de sábado.

Guardo na memória  
o som da sua máquina de costura.  
Minha avó

é uma das minhas melhores lembranças.  
Teceu a vida  
Guardou-a.

---

## SEMENTES DA POESIA

**Sandra Susana**

Na sombra de um cajueiro  
Escrevi minha primeira poesia  
Inspirei-me no sabor das frutas  
E no vento que em mim batia.

Foi um momento de grande emoção  
Quando vi as palavras contemplarem  
um pássaro a me olhar  
De exímia beleza a cantarolar.

Logo veio um lindo entardecer  
E um caju em mim caiu  
Naquele momento eu sentia  
Que o poder das palavras amadurecia.

As horas foram se passando  
E o meu dom aprimorando  
Naquele momento éramos 'eus'  
O dom da poesia foi deixado por Deus.

---

## NO ALPENDRE DE NENZINHA

**Tiago Monteiro**

Cortinado bem florido  
Porteava a camarinha,  
Um pote desses de barro  
Bem no canto da cozinha,



As regras, vó quem ditava  
 Quando a gente se encontrava  
 No alpendre de Nenzinha.  
 O almoço era composto  
 De feijão, arroz, farinha,  
 Na mistura, quase sempre,  
 Uma carne bem sequinha,  
 Não se tinha muito luxo,  
 Mas a gente enchia o bucho  
 No alpendre de Nenzinha.  
 Um rádio AM velhinho  
 Era ligado à tardinha  
 Enquanto vó preparava  
 Pro jantar, uma galinha,  
 Fogo de lenha abrasado  
 E a gente bem informado  
 No alpendre de Nenzinha.  
 Vô chegava das caçadas  
 Trazendo nhambu e rolinha,  
 Despejava o resto d'água  
 Que sobrara na quartinha,  
 Pra poder tratar a caça,  
 Depois comer com cachaça  
 No alpendre de Nenzinha.  
 Hoje só resta a saudade  
 Do meu vô e de vizinha,  
 Personagens da história  
 Dos meus primos e da minha,  
 Depois que Deus os levou,  
 Ninguém mais se encontrou  
 No alpendre de Nenzinha.

## MAILSON FURTADO

a estrada de ferro me rasga  
 e rasgou a expectativa de tantos  
 por oitenta anos a cada semana  
 rasgou terra  
 rasgou ruas  
 cortou o rio  
 sem pedido  
 sem licença  
 sem pena  
 atropelou mato  
 bicho

gente  
 de saudade  
 na partida  
 de vontade  
 de partir  
 foi  
 vem  
 vai  
 trem  
 é sério  
 é trem  
 é forte  
 como tantas marias  
 é trem  
 que por birra  
 é sério  
 é bruto  
 não nega  
 (herdei isso dele)  
 ligou meu sangue ao siará  
 foi por onde meu vovô construiu  
 um pedaço de fortaleza  
 por onde vovô viu  
 ghiggia calar o maracanã em cinquenta  
 por onde estações inventaram  
 lugares sem nome  
 e sem nome eu nasci  
 tal maria  
 levou o ouro branco de meu pai  
 aos ingleses  
 levou um pedaço de mim  
 e quando criança  
 me levava a perguntar  
 onde se escondia  
 depois de passar perto da casa de tia geni  
 junto de sua fumaça  
 longe do silêncio  
 longe dos pássaros  
 hoje sei  
 que namorava as carnaúbas e xiquexiques  
 na estrada comprida rumo à capital

## DO TEMPO DE...

### Efigênio moura

Quando eu penso em escrever alguma coisa, a saudade é a primeira a se amostrar na fila dos



desejos e sai cotovelando quem se apresenta primeiro, e lógico, a saudade anda empareada com memória. Todos os meus livros são assim: ando eu no oco do mundo, em riba dum jegue e nos caçuás, lembranças de mói, as vezes eu até invento algumas.

Eita Gota!, meu primeiro livro fala de uma viagem que eu nunca fiz mas que morro de saudade dela, das estradas, das cidades, das ruas, das conversas, das situações. Contar pabulagem é típico do homem sertanejo, então a saudade do que nunca aconteceu é o tema principal em qualquer roda de conversa.

Certa vez, me contou professor Adelmo lá de Teixeira, que havia um mentiroso em sua cidade que quando houve uma chuva de trovões e raios na serra, no outro dia de manhã encontraram enganchado numa aroeira velha um saco branco e enorme mas quieto, rasgaram o saco com uma peixeira de doze polegadas e o que tinha dentro dele? Um trovão ficou preso.

A contação força a memória de algo que nunca aconteceu mas que a gente comprime os olhos para ter a certeza se aconteceu de verdade, pra ver o tamanho do trovão, do rasgo do saco e até do cabo da faca peixeira.

No meu livro *Ciço de Luzia*, há uma saudade em que eu tocava nela, que alisava ela e até beliscava ela, de acordo com a situação. As férias de minha infância, o romance amolecido, acontecido ou não. A estória que nunca aconteceu dentro de um mundo que era de verdade.

Saudosismo é o começo da ideia de muitos escritores, quiçá de todos.

## CARTA PARA O MEU PAI

**Sammelly Xavier**

Pai, hoje tenho uma difícil missão: transformar este aglomerado de sentimentos em uma carta para o senhor. Ela deve falar de saudade, sabe, pai? Lembrei que a língua portuguesa tem em seu contexto uma única e imperativa palavra para falar desse sentimento: SAUDADE.

Imagine se não fôssemos brasileiros? Como expressaria este meu sentimento? Pensando nisso,



procurei no dicionário o significado - Saudade s.f. (Do lat. solitas, solitatis, solidão, soledade) 1. Recordação suave e melancólica de pessoa ausente ou coisa distante que se deseja voltar a ver ou possuir, 2. Nostalgia 3. Pesar, mais pela ausência de alguém que nos é querido.

Das três, gostei mais da última, porém, não concordei inteiramente com nenhuma. O senhor acha possível sentir saudade de algo que nunca se teve? Pois é isso que acontece comigo. Sinto saudade das conversas que não tivemos, das permissões que nunca pedi, dos olhares que nunca trocamos, dos filmes a que nunca assistimos, das atividades de casa que o senhor poderia ter me ensinado, de atrapalhar seu sono à noite por estar com medo de um pesadelo, do seu colo que poderia ter me acalentado enquanto eu chorava, do seu abraço que poderia ter me envolvido quando eu estava feliz.

Sinto saudades das trocas de sonhos, até dos possíveis "sermões" eu sinto saudade, acredita?

Sabemos que não houve culpado na nossa separação, certo? Uma doença não é o motivo de alegria, também não deve ser alicerce para lágrimas e dores. Os médicos disseram que a doença se manifesta com grandes emoções, e foi no casamento com minha mãe que ela surgiu. Passaram-se 14 anos até que quase "milagrosamente" eu nasci. Disseram que o senhor teria uma pro-



babilidade de melhorar ou de piorar; “mainha” me falou que durante um ano tudo ficou bem, porém depois o senhor ficou mais agressivo e teve que ir morar no hospital. Fui crescendo e ouvindo falar do senhor de duas formas: por minha mãe que sempre me mostrou o grande caráter que tem; e pelas pessoas que parecem não entender minha falta de traumas.

Uma coisa que me deixava com raiva eram os comentários dos colegas escolares, quando eu passava e ouvia “Essa menina é filha de um doído”. Eu tinha vontade de responder: “Meu pai não é doído, é esquizofrênico, uma doença genética. Louco é um cara saudável que não se merece, se maltrata, se humilha”. Na verdade, nunca respondi nada. (Não ria de mim, viu?). Eu não sabia pronunciar direito a palavra esquizofrênico (tinha uns 7 anos), e para não me atrapalhar, saía andando fingindo que não ouvia.

Sabe outra coisa muito engraçada? O modo como as pessoas falavam do senhor. As frases sempre começavam com “apesar de tudo, ele era...”, apesar de tudo o quê, meu Deus? Diziam para eu não ter traumas; ao mesmo tempo que informavam ótimos psicólogos infantis para “mainha”. Eu pensava: “Mente de adulto não entende realmente nada de mente de criança” Sabe por que eu era tranquila, pai? Porque tive uma mãe maravilhosa que me falava do senhor

apenas como era. Graças a ela sempre encarei a vida de frente. Não tinha um pai alcoólatra, drogado, ladrão ou que traía minha mãe. Apenas tinha um pai doente, preso em seu inconsciente, alguém que tinha muitas virtudes. Por isso fico feliz quando falam que nos parecemos. Nos vimos poucas vezes, não foi? Para ser exata, quatro. Espero que o senhor entenda. Eu não me sentia bem naquele hospital (muito sofrimento...), e em outro lugar não poderíamos nos ver. Toda noite eu orava pelo senhor, algumas vezes pensando nessa saudade.

Saudade tranquila que não me arranca turbilhões de lágrimas ou arrependimentos. O que sinto está liberto de imposições sociais. Transcende a matéria, acho que é saudade espiritual. O poeta Caetano Veloso disse que “de perto ninguém é normal”. Compreendo que a doença cerebral o impedia de lidar com algumas coisas, porém seu espírito é esvoaçante. Hoje acredito que está muito melhor do que quando carregava um corpo.

Poderão dizer que a louca agora sou eu... Escrever para alguém que já saiu deste mundo; mesmo assim, sei que está lendo tudo que eu escrevo. Ao começar com esta carta tive dois objetivos: O primeiro era homenageá-lo. O segundo diz respeito à frase que li no cartaz deste concurso: “Já imaginou o mundo todo lendo sua redação?”

Pensei: “Isso é bom! Poderei finalmente expressar o que sinto, e o que realmente sinto é que nunca me senti a criança sem pai, traumatizada, problemática”. Tento passar com isso que devemos sempre sorrir para a vida, já que ela não dá mais do que precisamos, nem menos do que merecemos.

Obrigado, pai! Pelas lições de vida que me deu através do que minha mãe conta do senhor. É um grande exemplo, e, por mais que eu escreva, uma vida não cabe em palavras.

Enfim, acabo de deduzir meu conceito de saudade, bem diferente do que o dicionário trouxe: Saudade (s. s. g. - substantivo sem gênero.) 1. Ansiedade calma pelo dia do reencontro que com certeza acontecerá.

Querido pai, até lá!!! De sua continuação terrestre.



## HÁ UM RIO NA MINHA INFÂNCIA

Mirtes Waleska Sulpino

Sempre que visito minha infância, sinto o cheiro da água do rio Paraíba. Sinto a água fria banhando meus pés, sinto as pedrinhas e seixos em seu leito, escuto o canto das roupas nas pedras, no batuque das lavadeiras, como quem entoava um lamento. Tomar banho de rio era o mesmo que tomar banho no chuveiro, para mim e a guriçada que morava por aquelas bandas.

Todos os dias, o banho de rio era sagrado, era como se limpássemos as impurezas e nos renovássemos, igual a água corrente que percorre uma longa distância e descansa no mar. Saía de casa por volta de dez horas da manhã, chinelinha havaiana azul e branca, um pente, uma toalha e um creme para desembaraçar o cabelo. Na metade do caminho, avistávamos aquele mundo de água.

Desse ponto em diante, já apostávamos corrida para ver quem chegava primeiro. Suas águas cortavam a estrada de chão onde improvisaram uma pinguela, espécie de ponte que não era feita com paus, mas com um grande cano de ferro, formando um labirinto por onde a água escoava e de onde dávamos “os flecheiros” na linguagem da infância. Atravessar aquele labirinto era uma aventura. Dava um frio danado na barriga. Segundos de clausura e escuridão até a outra margem, de água clarinha, aspirando um ar puro que limpava os pulmões. Era tanta água, tanta gente. Meninos e meninas brincando.

Anáguas, vestidos, todos estendidos sobre a pedra para “alvejar”. Lavadeiras ganhando o sustento em tempos difíceis. Pescadores de camarão e peixe. Era tanta vida escorrendo para o mar. Era assim de domingo a domingo. Dias santos e feriados também. Hoje, o que desce no rio são dejetos de uma cidade que cresceu esquecendo sua infância. Há lama. Lixo. Morte. Mas lá no fundo, bem embaixo da terra e nas minhas lembranças, ainda há um rio, que vez ou outra teima em me visitar.

## ONDE PERDEMOS NOSSAS CRIANÇAS?

Kamilla Simonelly

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 2º, considera-se criança a pessoa que tem até 12 anos. E ser criança é sinônimo de alegria, de brincadeira, de diversão. Mas, na atualidade, não conseguimos enxergar tamanha doçura e inocência na face de nossas crianças. O convívio contínuo e “forçado” com adultos, durante a pandemia, trouxe para as nossas crianças comportamentos inadequados a essa fase da vida. Temos visto e convivido com crianças intolerantes, agressivas e adultizadas. A “adultização” é o processo de querer acelerar o desenvolvimento das crianças para que se tornem logo adultas. Isso provoca perda da infância, da socialização, da coletividade e do mais importante, a fase do brincar livremente.

As crianças têm perdido o poder de imaginação, de criação de mundos imaginários, de maneira que os efeitos trazidos por esse caminho tortuoso que as nossas crianças estão trilhando são potencialmente catastróficos.

Deparamo-nos com crianças que não conseguem parar para escrever algumas linhas, por exemplo, de um gênero textual fábula, por não conseguir imaginar, por não conseguir dar vida a seres inanimados. Por vezes, pergunto-me em que momento perdemos as nossas crianças? E como podemos devolvê-las à infância que lhes fora roubada?

É preciso que façamos essa reflexão. Se queremos a construção de um futuro melhor para elas, precisamos restituir urgentemente a verdadeira infância para as nossas crianças. Oportunizar momentos para que sejam apenas crianças, e que a imaginação delas seja leve, campo fértil para ludicidade.





## ENTRE A PÓLVORA E O GRAFITE

**Katiane Gomes**

A data? Uma mistura de quase sempre com corriqueiro.

Um lugar? Onde o som do grafite deveria soar mais alto.

Um dia desse qualquer, enquanto se cuidava do futuro e de tantos sonhos, onde se lamentava o barulho das bombas e mísseis do lado de lá, se ouve sons, mas nessa sinfonia ninguém deveria estar.

O som das balas que atravessam sonhos e corpos e insiste em fazer a vida frear. Os R's do alfabeto que o professor estava a ensinar, não era o 15 que a legalidade fez vitimar.

O número 21 jamais será apagado, dos quadros, da memória daquele lugar, estão grafados com sangue, numa mistura de DNA.

Denunciados por vozes que gritam fuzilantes: Até quando o grafite do lápis que molda sonhos, escreve história, vai ser apagado pela pólvora que destrói, explode, encerra?

Seremos apenas mais uns tantos a chorar?

E a vida no primeiro mundo segue seu traçado com tudo a normalizar. Vidas!



# Projeto de Extensão

"Direitos Fundamentais no Ensino Básico"

Coordenador: Luciano Nascimento



**UEPB**  
Universidade  
Estadual da Paraíba





# Direitos Fundamentais no Ensino Básico: Uma transformadora prática educacional

**Coordenador:** Luciano Nascimento Silva

**Extensionistas:** Edna Beatriz da Silva Rodrigues; Yasmim Iris Lopes Avelino, Clara Rafaela Quintans Campos; Lorena Suellen Vieira Pontes; Luciano de Sousa Silva.

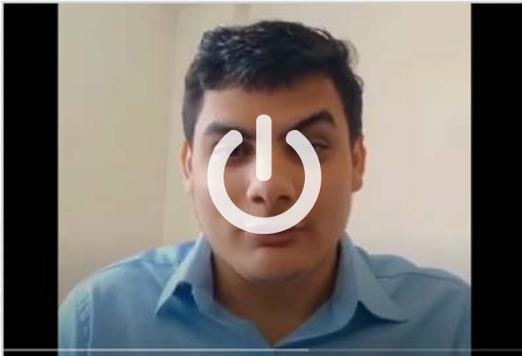
**É** salutar que toda criança e adolescente possa ter acesso ao conhecimento de forma divertida, dinâmica e de fácil compreensão. Nesse sentido, o projeto de extensão “Direitos Fundamentais no Ensino Básico” faz uso de inúmeras aparelhagens como os materiais audiovisuais, slides, conexão entre a ficção e a realidade, dinâmicas, sempre visando se afastar de uma forma monótona e não participativa de ensino sobre os direitos fundamentais que são pontos cardeais de uma sociedade civilizada, visando formar cidadãos instruídos e contribuintes com a efetivação de tais direitos para além do texto normativo.

Logo, tal projeto voltado para a área da Educação, com ênfase no jurídico, busca quebrar os padrões mecanizados de ensino, tão sustentados na so-



**Clique para ver o vídeo.**

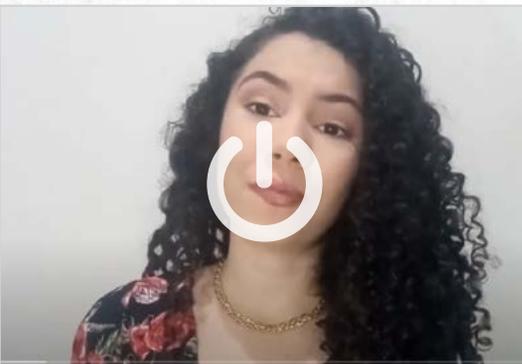




**Clique para ver o vídeo.**



**Clique para ver o vídeo.**



**Clique para ver o vídeo.**



**Clique para ver o vídeo.**



**Clique para ver o vídeo.**

cidade brasileira, na medida em que vislumbra o alcance da consciência social por meio da compreensão dos direitos fundamentais, direitos esses, que devem ser disseminados desde as primeiras séries escolares. Diante do exposto, o educador Paulo Freire aponta a importância de se praticar uma educação libertadora e humanista, e não bancária. Nesse sentido, deve-se superar a educação tradicional, sustentada por uma elite opressora e discriminatória, na qual enxerga os educadores como meros depositantes de conteúdos, para assim transformá-la em uma educação humana e problematizadora, por meio de agentes transformadores do mundo. O Projeto retrata diversas temáticas do ramo do direito como forma de democratizar o conhecimento. Ao longo dos encontros já foram tratados diversos temas, como o direito à liberdade, à vida, ao respeito, à dignidade, à convivência familiar, à educação e à cultura, além disso, abordamos também sobre o sistema de adoção no Brasil, debatemos sobre a Lei de Bullying e a necessidade de inclusão de pessoas com deficiência por meio do fim do capacitismo. Todas essas temáticas foram equivocadamente distanciadas da população e por meio destes debates mensais construímos uma população consciente desde a infância sobre seus direitos e deveres. Pois se a luta é o que define os direitos fundamentais, então, que estejamos armados de conhecimento para enfrentar o cotidiano. Em suma, fica claro que o projeto ganha força e sentido, dado o fato de que os direitos fundamentais são irrenunciáveis a serem lecionados já no ensino básico e não como monopólio do ensino jurídico superior.

VEM AÍ, A NOVA

# TERTÚLIA

MAIS

INTERATIVA  
INCLUSIVA  
BILÍNGUE  
NEURODIVERSA



PARCERIA



**PaqTcPB**  
Fundação Parque  
Tecnológico da Paraíba

 **eduepb**